Arautos do Evangelho

Número 266
Fevereiro 2024

Santa e indefectível em meio à procela

RECONQUISTA
FORMAÇÃO CATÓLICA

O estudo piedoso da doutrina católica é uma ocasião para progredirmos na vida espiritual, uma fonte de alegria neste vale de lágrimas e um utilíssimo meio de nos unirmos mais a Deus. Por isso, no intuito lhe ajudar a compreender melhor as verdades da Fé e a trilhar os caminhos da virtude, a plataforma de formação dos Arautos do Evangelho põe à sua disposição uma coleção de mais de 40 cursos on-line.

São mais de 380 horas de aulas em vídeo, nas quais você poderá alimentar sua espiritualidade, crescer no conhecimento do Sagrado Magistério e se encantar com a história da salvação no Antigo Testamento e nos dois milênios de existência da Igreja Católica.

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

Acompanhe a programação completa dos Arautos através das redes sociais

Transmissão da Santa Missa diariamente às 19h (Horário de Brasília)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXIII, nº 266, Fevereiro 2024

ISSN 1982-3193

Revista de cultura e inspiração católica publicada por:
Associação Brasileira Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

Assinatura e atendimento ao assinante:
(11) 2971-9050
(nos dias úteis, de 8 às 17:00h)

Assinatura e Participação

Assinante (anual): ..... R$ 204,00 únicos

Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor ..... R$ 60,00 mensais

Exemplar avulso ..... R$ 17,00

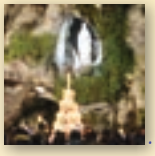
Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

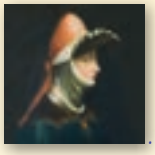
Escrevem os leitores 4

Ser ameaçado ou ameaçar? (Editorial) 5

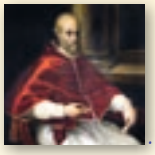


A voz dos Papas – Nova e incomparável efusão da Redenção 6

Comentário ao Evangelho – A cátedra indestrutível 8



Condessa Matilde de Toscana – Virgem virtuosa, guerreira e nobre 14



Papa Marcelo II – Lições de um curto pontificado 18

Cruzados do século XIX 20

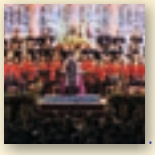
Argúcia maternal e amorosa 24

Beata Isabel Canori Mora – Vidente das tribulações da Igreja 26

Sobre o subjetivismo – Uma lição de vida através de Santa Catarina de Sena 30

Lourdes: uma promessa 34

Mãe que vela pela saúde do corpo e da alma 36

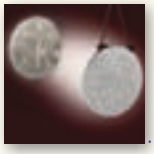


Arautos no mundo 42

Aconteceu na Igreja e no mundo 44

História para crianças... – Milagres... existem! 46

Os Santos de cada dia 48



Espelhos de Jesus Cristo 50

Revista Arautos do Evangelho on-line

Tenha acesso ao conteúdo da revista diretamente de seu celular.

Acesse: **revista.arautos.org**

Escrevem os leitores

Palavras inspiradas pelo Espírito Santo

Salve Maria, nossa Mãe, Consoladora e Advogada!

Gostaria de parabenizar a Sra. Lorena Mello da Veiga Lima pelo primoroso artigo intitulado *Abandonada ao amor do Coração de Jesus*, constante da edição de dezembro de 2023, que trouxe a história de Sóror Josefa Menéndez. O Espírito Santo, certamente, inspirou suas palavras.

Por estar a atravessar um sinuoso vale de lágrimas, deparar-me com o que falou Jesus a uma de suas filhas trouxe refrigério a meu coração tão machucado, contudo, sedento da misericórdia divina.

Que tenhamos a coragem de nos entregar sem reservas ao nosso Salvador.

Bruno Péres
Via e-mail

Uma luz neste mundo tão obscuro

Já há um tempo acompanho vocês e estou cada vez mais interessada em Dona Lucilia e em Dr. Plinio. Vocês são uma luz neste mundo tão obscuro que está cada vez mais perdendo a fé, a tradição e a importância do sagrado, tantas coisas que vocês, com tanta garra, defendem para que não se percam!

O desejo era de ter conhecido vocês desde a minha adolescência, com a visão que tenho hoje da Igreja de Cristo!

Os Arautos são um exército em ordem de batalha para estes tempos sombrios!

Emanoela Ravany de Melo Rodrigues Santos
Escada – PE

Cedo ou tarde, Dona Lucilia não falha!

Lendo esses testemunhos tão cheios de fruto espiritual, vejo como Dona Lucilia intercede de diversas maneiras. Dependendo da situação, pode demorar mais ou menos, pode ser de imediato ou não, mas sempre ajuda. Não falha.

Ela é um reflexo da atitude de Deus e de nossa Mãe para conosco: se temos verdadeira fé e rezamos, nosso problema se resolverá; pode demorar algum tempo, mas se resolverá. Estamos sendo escutados. Se não ocorrer imediatamente a solução de nosso problema, isto não quer dizer que ele não será solucionado. Como são importantes o abandono e a confiança!

Peçamos a Dona Lucilia que ela nos dê a grande devoção que ela tinha ao Sagrado Coração de Jesus e nos ajude a viver sempre dentro d'Ele, protegidos e esperançosos.

Cristina Moutas Cimadevilla
Via revistacatolica.org

Artigo sobre a "Divina Comédia"

Emocionei-me duas vezes ao ler o artigo *A "Divina Comédia" de Dante Alighieri – Viajando até o amor de Deus*, pela grandeza de Dante e pela bela explicitação do autor. Parabéns por esse texto tão bem escrito!

Roseli
Via revista.arautos.org

Li a *Divina Comédia* como nunca a tinha lido antes. Parabéns!

Claudio
Via revista.arautos.org

Almas do Purgatório

Eu estava pensando como uma alma do Purgatório poderia ir para o Céu, já que elas não podem mais pedir perdão. Felizmente, no artigo *O Purgatório – Um lugar de purificação*, li o que esperava.

Temos de rezar por elas. E o Pe. Carlos Werner, autor do artigo, me mostrou *muito* mais: que podemos adiantar a sua purificação.

Sinival Antônio Bernardes
Via revista.arautos.org

Alegria ao receber a Revista

Sinto sempre uma extraordinária alegria ao receber a Revista. Agradam-me seus artigos e – como não? – as histórias para crianças. As ilustrações são realmente belas. Os artigos dedicados a Dona Lucilia me encantam!

Parabéns pela fundação de tão magnífica publicação!

Muito obrigada!

Irmãs Sánz-Daza Bueno
Madri

Tudo começou com a assinatura da Revista...

Venho por meio desta mensagem falar do meu orgulho santo, sobretudo pela graça que me foi alcançada por Nossa Senhora de hoje ser uma cooperadora dos Arautos do Evangelho, do sodalício de Nossa Senhora do Recife (PE).

Conheci os Arautos através de uma amiga – já falecida –, que me pediu para me tornar assinante da Revista; anos depois, recebi a visita de uma dupla de arautos com o oratório de Nossa Senhora. Sou muito grata por tudo que conversamos nessa ocasião. Então fui conhecer a casa dos Arautos no Poço da Panela, em Recife.

Hoje vivo na cidade de Moreno, numa chácara a quatro quilômetros do nosso mosteiro, também em Moreno. Agradeço a oportunidade!

Fátima Bezerra
Moreno – PE

Ser ameaçado ou ameaçar?

Muito se tem falado nos últimos tempos a respeito das ameaças de todo gênero que circundam a nau da Santa Igreja, nas águas cada vez mais procelosas deste mundo. São elas reais, não cabe a menor dúvida. Entretanto, pouco ou nada se menciona sobre as ameaças proferidas pelos divinos lábios d'Aquele que constituiu essa mesma nau e que, a despeito das ilusórias pretensões das forças do mal, a mantém e conduz vitoriosa há dois mil anos.

Com efeito, se incontáveis foram as palavras de doçura e perdão exaladas da boca do Divino Mestre, não pouco numerosas foram suas variegadas expressões ameaçadoras contra as mais diversas categorias de seres. Ele ameaçou a febre que prostrava a sogra de Simão (cf. Lc 4, 39) e a tempestade que aterrorizava seus discípulos no Mar de Tiberíades (cf. Mc 4, 39); ameaçou os demônios (cf. Mt 17, 18; Mc 1, 25; 9, 25; Lc 4, 35; 9, 42) e os seus mais fiéis servidores daquele tempo, a saber, os escribas e fariseus (cf. Mc 3, 5; Mt 23, 13-38; Lc 11, 38-52) que se tinham apossado da cátedra de Moisés (cf. Mt 23, 2). Também nas suas sapienciais parábolas inseriu com frequência fortes ameaças, por exemplo, contra o administrador relapso que, se fosse encontrado por seu senhor maltratando os servos, seria partido ao meio (cf. Lc 12, 46).

Essas ameaças não faltaram até mesmo nos momentos mais decisivos da vida do Salvador, como na Santa Ceia, quando ditava aos discípulos o sublime testamento de seu amor: "Em verdade vos digo: um de vós Me há de trair. […] Mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! Seria melhor para esse homem que jamais tivesse nascido!" (Mt 26, 21.24).

À luz dessas considerações, a parábola dos vinhateiros (cf. Lc 20, 9-19) nos oferece uma consoladora aplicação no tocante às mencionadas ameaças que cercam a Santa Igreja em nossos dias. Por três vezes, o senhor da vinha manda servos seus para cobrar o que lhe compete dos que a tinham arrendado. No entanto, os vinhateiros os espancam e ferem, assassinando, por fim, o próprio herdeiro, que lhes é igualmente enviado. Interpela então Jesus seus ouvintes: "Que lhes fará o dono da vinha? Virá e destruirá esses vinhateiros, e dará a vinha a outros" (Lc 20, 15-16). Assim aconteceu aos ministros da Antiga Lei que não quiseram aceitar o Messias, os quais se reconheceram sem dificuldade figurados nesses criminosos (cf. Lc 20, 19).

Após Se referir à pedra angular rejeitada pelos construtores, Nosso Senhor sela suas divinas palavras com uma ameaça: "Todo o que cair sobre aquela pedra, será quebrado; e sobre quem ela cair, será esmagado" (Lc 20, 18). Tal intimidação bem pode ser atribuída à Esposa Mística d'Aquele que é essa pedra angular, sobretudo em relação à promessa de sua indefectibilidade (cf. Mt 16, 18), pois a parábola mostra que, quando faltam bons ministros, o Senhor não tarda em enviá-los, aniquilando os usurpadores.

Assim, em meio aos maiores vendavais e às águas mais revoltas, quem deve temer as ameaças não é a Santa Igreja, mas sim seus inimigos. Os externos, que se quebrarão ao cair sobre esta rocha; e os internos, que serão esmagados quando a virem cair sobre si com o peso do calcanhar da Santíssima Virgem: "Ela esmagará" (Gn 3, 15). ✧

Navio em tempestade (editado), por Thomas G. Purvis - Museu Marítimo Nacional, Londres

Foto: Reprodução

Nova e incomparável efusão da Redenção

Junto à gruta bendita, a Virgem nos convida, em nome de seu Divino Filho, à conversão do coração e à esperança do perdão. Escutá-La-emos?

Toda terra cristã é uma terra marial, e não há povo redimido pelo Sangue de Cristo que não goste de proclamar Maria sua mãe e sua padroeira. Relevo empolgante assume, todavia, esta verdade quando se evoca a história da França. O culto da Mãe de Deus remonta às origens da sua evangelização […].

Manifestações marianas, cheias de predileção

Devia, no entanto, o século XIX, após a tormenta revolucionária, ser por muitos títulos o século das predileções marianas.

Para só citarmos um fato, quem é que não conhece hoje em dia a Medalha Milagrosa? Revelada, no próprio coração da capital francesa, a uma humilde filha de São Vicente de Paulo que tivemos a alegria de inscrever no catálogo dos Santos, essa medalha cunhada com a efígie de *Maria concebida sem pecado* espalhou por todos os lugares os seus prodígios espirituais e materiais.

E, alguns anos mais tarde, de 11 de fevereiro a 16 de julho de 1858, à Bem-Aventurada Virgem Maria aprazia, por um favor novo, manifestar-Se na terra dos Pirineus a uma menina piedosa e pura, saída de uma família cristã, trabalhadora na sua pobreza. "Ela vem a Bernadette", dizíamos nós outrora, "fá-la a sua confidente, a colaboradora, o instrumento da sua ternura maternal e da misericordiosa onipotência de seu Filho, para restaurar o mundo em Cristo por uma nova e incomparável efusão da Redenção". […]

Rocha da qual brotaram águas vivificadoras

Sabeis, caros filhos e veneráveis irmãos, em que condições estupendas, apesar de zombarias, de dúvidas e de oposições, a voz daquela menina, mensageira da Imaculada, se impôs ao mundo. Sabeis a firmeza e a pureza do testemunho, experimentado com sabedoria pela autoridade episcopal e por ela sancionado desde 1862.

Já as multidões haviam acorrido e não têm cessado de precipitar-se para a gruta das aparições, para a fonte milagrosa, para o santuário elevado a pedido de Maria. É o comovente cortejo dos humildes, dos doentes e dos aflitos; é a imponente peregrinação de milhares de fiéis de uma diocese ou de uma nação; é a discreta diligência de uma alma inquieta que busca a verdade… Dizíamos nós: "Jamais num lugar da terra se viu semelhante cortejo de sofrimento, jamais semelhante irradiação de paz, de serenidade e de alegria!"

E, poderíamos acrescentar, jamais se saberá a soma de benefícios de que o mundo é devedor à Virgem auxiliadora! "Ó gruta feliz, honrada pela presença da Mãe de Deus! Rocha digna de veneração, da qual brotaram abundantes as águas vivificadoras!"

Definição pontifícia confirmada em Lourdes

Estes cem anos de culto mariano teceram, ademais, entre a Sé de Pedro e o santuário pirenaico laços estreitos, que nos apraz reconhecer. A própria Virgem Maria não desejou essas aproximações? "O que em Roma, pelo seu magistério infalível, o Sumo Pontífice definia, a Virgem Imaculada Mãe de Deus, a bendita entre as mulheres, quis, ao que parece, confirmá-lo por sua boca, quando pouco depois Se manifestou por uma célebre aparição na Gruta de Massabielle".

Certamente, a palavra infalível do Pontífice Romano, intérprete autêntico da verdade revelada, não necessitava de nenhuma confirmação celeste para se impor à fé dos fiéis. Mas com que emoção e com que gratidão o povo cristão e seus pastores não recolheram dos lábios de Bernadette essa resposta vinda do Céu: "Eu sou a Imaculada Conceição"! […]

O cinquentenário da definição dogmática da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem ofereceu a São Pio X o ensejo de atestar num documento solene o liame histórico entre esse ato do Magistério e a aparição de Lourdes: "Apenas Pio IX definira de fé católica que desde a origem Maria foi isenta de pecado, a própria Virgem começava a operar maravilhas em Lourdes". […]

"Rogareis a Deus pelos pecadores"

Numa sociedade que não tem lá muita consciência dos males que a corroem, numa sociedade que vela as suas misérias e as suas injustiças sob aparências prósperas, brilhantes e descuidosas, a Virgem Imaculada, por quem o pecado jamais roçara, manifesta-Se a uma menina inocente.

Com compaixão maternal percorre com o olhar este mundo redimido pelo Sangue de seu Filho, onde, infelizmente, o pecado faz cada dia tantas devastações, e por três vezes lança o seu apelo premente: "Penitência, penitência, penitência!" Gestos expressivos são, mesmo, pedidos: "Ide beijar a terra em penitência pelos pecadores". E ao gesto há que juntar a súplica: "Rogareis a Deus pelos pecadores".

Atualidade da mensagem

Tal como no tempo de João Batista, tal como no início do ministério de Jesus, a mesma injunção, forte e rigorosa, dita aos homens a trilha da volta a Deus: "Arrependei-vos" (Mt 3, 2; 4, 17). E quem ousaria dizer que esse apelo à conversão do coração perdeu, nos nossos dias, a sua atualidade? […]

Junto à gruta bendita, a Virgem nos convida, em nome de seu Divino Filho, à conversão do coração e à esperança do perdão. Escutá-La-emos? […]

Ora, o mundo, que tantos e tão justos motivos de ufania e de esperança oferece nos nossos dias, conhece também uma terrível tentação de materialismo, muitas vezes denunciada pelos nossos predecessores e por nós mesmos. Esse materialismo não está somente na filosofia condenada que preside à política e à economia de uma porção da humanidade; manifesta-se também no amor do dinheiro, cujas devastações se amplificam à medida dos empreendimentos modernos, e que, infelizmente, comanda tantas determinações que pesam sobre a vida dos povos; traduz-se pelo culto do corpo, pela procura excessiva do conforto e pela fuga de toda austeridade de vida; induz ao desprezo da vida humana, daquela mesma que é destruída antes de ver a luz; está na demanda desenfreada do prazer, que se ostenta sem pudor e que mesmo, pelas leituras e pelos espetáculos, tenta seduzir almas ainda puras; está na indiferença para com seu irmão, no egoísmo que o esmaga, na injustiça que o priva dos seus direitos, numa palavra, nessa concepção da vida que regula tudo em vista somente da prosperidade material e das satisfações terrenas. […]

Guillermo Torres

Peregrinos em oração na Gruta de Masabielle, Lourdes (França)

A uma sociedade que, na sua vida pública, contesta os direitos supremos de Deus, a Virgem maternal lançou como que um brado de alarme

Premente missão para os sacerdotes

A uma sociedade que, na sua vida pública, não raras vezes contesta os direitos supremos de Deus, que quereria ganhar o universo ao preço de sua alma (cf. Mc 8, 36), e que assim correria à sua perdição, a Virgem maternal lançou como que um brado de alarme. Atentos ao seu apelo, ousem os sacerdotes a pregar a todos, sem temor, as grandes verdades da salvação. […]

Assim como, compassiva para com as nossas misérias, mas clarividente sobre as nossas verdadeiras necessidades, a Imaculada vem aos homens para lhes lembrar as diligências essenciais e austeras da conversão religiosa, devem os ministros de Deus, com sobrenatural segurança, traçar às almas a estrada estreita que conduz à vida (cf. Mt 7, 14). ✧

Excertos de: PIO XII.
Le pèlerinage de Lourdes, 2/7/1957

Jesus entrega as chaves a São Pedro - Paróquia São Patrício, Boston (Estados Unidos)

Gustavo Kralj

Evangelho

Naquele tempo, [13] Jesus foi à região de Cesareia de Filipe e ali perguntou aos seus discípulos: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" [14] Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas". [15] Então Jesus lhes perguntou: "E vós, quem dizeis que Eu sou?" [16] Simão Pedro respondeu: "Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo". [17] Respondendo, Jesus lhe disse: "Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no Céu. [18] Por isso Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e o poder do inferno nunca poderá vencê-la. [19] Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que tu ligares na terra será ligado nos Céus; tudo o que tu desligares na terra será desligado nos Céus" (Mt 16, 13-19).

A cátedra indestrutível

A confissão de fé de Pedro, inspirada pelo Pai das Luzes, faz da Igreja uma rocha inquebrantável, contra a qual se desfarão as ondas arrogantes do erro. Nenhum homem poderá destruí-la ou mesmo abalá-la, pois Cristo a fundou.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – A cátedra que nenhum poder humano conseguirá destruir

É um secular e venerável costume comemorar a Cátedra de Pedro, exaltada pelos Padres da Igreja em seus escritos.[1] A pioneira em instituir essa festa foi a cidade de Antioquia, em lembrança de seu primeiro Bispo, o próprio Príncipe dos Apóstolos. Mais tarde Roma, sua última diocese, começou também a celebrá-la, estendendo-a depois à Igreja universal.

Ao referir-nos à cátedra entendemos a sede estável da qual o Bispo ensina palavras de salvação aos seus fiéis. Tratando-se da Cátedra *de Pedro*, fazemos alusão ao ensinamento infalível do Papa, pastor universal da Igreja, de cujos lábios o rebanho de Cristo deve receber o alimento puro e santo da verdade divina.

Nesse sentido, o Concílio Vaticano I consagrou uma antiquíssima tradição eclesial ao declarar: "O Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra* – isto é, quando no desempenho do múnus de pastor e doutor de todos os cristãos, define com sua suprema autoridade apostólica que determinada doutrina referente à fé ou à moral deve ser sustentada por toda a Igreja –, em virtude da assistência divina prometida a ele na pessoa do Bem-Aventurado Pedro, goza daquela infalibilidade com a qual o Divino Redentor quis que estivesse munida a sua Igreja quando deve definir alguma doutrina referente à fé e aos costumes; e que, portanto, tais declarações do Romano Pontífice são, por si mesmas, e não apenas em virtude do consenso da Igreja, irreformáveis".[2]

Contudo, a autoridade doutrinal do Vigário de Cristo não é independente, nem absoluta. O mesmo concílio explica com clareza sua subordinação à Divina Revelação: "O Espírito Santo não foi prometido aos Sucessores de Pedro para que, por revelação sua, manifestassem uma nova doutrina, mas para que, com sua assistência, conservassem santamente e expusessem fielmente a revelação transmitida pelos Apóstolos, ou seja, o depósito da Fé".[3]

Portanto, pelo múnus petrino o Papa possui um poder delegado por Cristo para certificar os católicos das verdades fundamentais, de sorte que conhecendo e amando Deus com segurança possam santificar-se e, na conclusão de seu percurso terreno, ter acesso às mansões eternas. Foi o próprio Jesus, na região de Cesareia de Filipe, quem quis estabelecer sua Igreja sobre a rocha da confissão de fé de São Pedro. Trata-se de um dom de inestimável valor, pelo qual somos gratos a Deus.

Entretanto, ao longo da História não faltaram acontecimentos infelizes que puseram em evidência a fragilidade de alguns Papas e o mau uso feito de seu magistério. Por temor à opinião dominante, em diversas circunstâncias a Fé foi posta em risco de forma vergonhosa. Basta lembrar – além dos casos de Vigílio e Libério – a defecção de Honório, condenado por heresia pelo III Concílio de Constantinopla, com a posterior confir-

Pelo múnus petrino o Papa possui um poder delegado por Cristo, não para manifestar doutrinas novas, mas para certificar os católicos das verdades fundamentais

mação do Papa São Leão II. Eis a solene sentença do Pontífice: "Anatematizamos […] Honório, que não iluminou esta Igreja Apostólica [de Roma] com a doutrina da tradição apostólica, mas permitiu que a Igreja imaculada fosse manchada por ímpia traição".[4] A este fato soma-se a longa lista de antipapas que semearam a confusão na Igreja por anos a fio, seja pela ilegitimidade de sua nomeação, seja pelas confusões doutrinárias e disciplinares que se propagaram sob seus auspícios.

Esses escândalos põem em xeque a garantia de veracidade da Cátedra de Pedro? Não, pois em nenhum deles – nem em outros semelhantes ocorridos ao longo dos séculos – os Pontífices fizeram uso da infalibilidade. Tais episódios evidenciam apenas a debilidade herdada do pecado original e, ao mesmo tempo, a força indestrutível da cátedra que nem seus ocupantes, por mais fracos ou perversos que possam ter sido, lograram destruir.

Em contraposição, nos céus da História fulguram abundantes exemplos de Papas santos e intrépidos, capazes de declarar a verdade de maneira definitiva e vinculante sem temor às consequências, por vezes dramáticas, para si mesmos. Alguns, inclusive, pagaram com a vida a fidelidade ao dom da fé, consolidando com seu sangue a cátedra que o Divino Mestre lhes confiara.

Assim, a Fé Católica pode ser posta à prova em certas circunstâncias pelo pandemônio causado por falsas doutrinas espalhadas por agentes do maligno na Igreja, mas encontrarão eles invariavelmente o entrave da infalível Cátedra de Pedro, que permanece impertérrita e imutável em sua fidelidade à verdade de Cristo. Será ela também critério certeiro para distinguir a voz dos pastores autênticos dos enredos perniciosos dos lobos disfarçados de ministros.

Tendo presentes esses princípios sobre a Cátedra de Pedro, estamos em condições de acompanhar com maior proveito o conhecidíssimo, mas sempre rico e cheio de novidades, Evangelho da confissão do Príncipe dos Apóstolos.

Junto ao Monte Hermon, símbolo da grandeza do Pai das Luzes, São Pedro é inspirado por Deus a respeito da messianidade e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo

II – O fundamento da Igreja Católica

Naquele tempo, [13] Jesus foi à região de Cesareia de Filipe e ali perguntou aos seus discípulos: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?"

São Mateus indica-nos a eleição feita por Nosso Senhor do lugar, o mais adequado, para a conversa que lá deveria ocorrer. Trata-se de uma região circunvizinha de Cesareia de Filipe, cidade localizada no sopé sudoeste do Monte Hermon e dedicada a César Augusto, em cuja honra ali fora construído um faustuoso templo.

O Hermon, citado diversas vezes nas Escrituras, goza de prestigiosa altura e no inverno costuma revestir-se de um cândido manto de neve. Impõe-se ele, pela sua elevação, como ponto central do panorama, mas sua extensão e delicada orografia conferem-lhe uma nota de nobre suavidade. É um belo símbolo da grandeza do Pai das Luzes, que inspirará Pedro na ocasião a respeito da messianidade e divindade de seu Filho.

Na encosta dessa montanha sagrada, Nosso Senhor inicia o diálogo sondando seus discípulos, com didática divina, sobre a opinião dos homens a seu respeito. É necessário que eles se compenetrem de terem recebido uma vocação privilegiada, que os distingue da multidão. Quiçá a fim de sublinhar esse aspecto Jesus os leva a uma paragem com vista imponente, distante da Galileia, para, fora do contexto habitual, ajudá-los a perceber o quanto devem separar-se dos outros, pois a eles está sendo revelado o segredo do grande Rei.

Uma visão incompleta

[14] Eles responderam: "Alguns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros ainda, que é Jeremias ou algum dos profetas".

Influenciado pelo pecado de suas elites, o povo de Israel havia perdido o frescor da inocência, deixando-se levar por um espírito

Reprodução

Vista do Monte Hermon (Israel)

ganancioso e por demais terreno. Em consequência, a espera do Messias se havia transformado mais numa aspiração sociopolítica do que religiosa. A conversão do coração era negligenciada pelos judeus, contagiados pelos miasmas da hipocrisia farisaica, toda feita de meras exterioridades.

Por isso, ao verem Jesus percorrer as cidades da Galileia e da Judeia, as pessoas O identificavam com alguém do passado, incapazes de perceber a grandeza ímpar, cheia de novidade, daquele misterioso personagem dotado de poderes inusitados, que continha em Si todos os charmes.

O próprio Senhor, ao ser indagado pelos discípulos que buscavam a razão pela qual Ele ensinava às multidões em parábolas, havia afirmado: "A vós é dado compreender os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não. Ao que tem se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem, será tirado até mesmo o que tem. Eis por que lhes falo em parábolas: para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: 'Ouvireis com vossos ouvidos e não entendereis, olhareis com vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos e fecharam os seus olhos, para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e Eu os sare'. Mas, quanto a vós, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem! Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem!" (Mt 13, 11-16).

Pergunta altamente teológica

15 Então Jesus lhes perguntou: "E vós, quem dizeis que Eu sou?"

Nosso Senhor conduz a conversa com fineza e acerto. Depois de levá-los a refletir sobre a opinião do mundo a seu respeito, dirige-Se aos discípulos interrogando-os sobre sua identidade.

Neste caso, porém, não Se refere a Si mesmo como "o Filho do Homem", mas usa a primeira pessoa do singular do verbo ser – "quem dizeis que Eu sou" –, com a qual Deus Se havia identificado quando Moisés pediu que lhe revelasse seu nome: "Eis como responderás aos israelitas: 'Eu sou' envia-me junto de vós" (Ex 3, 14).

Estavam postas as premissas justas para favorecer a confissão de fé de seus seguidores, feita pelos lábios de Pedro.

O cerne da fé

16 Simão Pedro respondeu: "Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo".

A declaração de São Pedro expressa, com perfeição, nossa fé a respeito do Salvador. Ao afirmar ser Ele o Cristo, O reconhece como Homem verdadeiro, descendente de Davi, ungido por Deus como Messias; acrescentando ser Ele o Filho do Deus vivo, reconhece sua natureza divina, que permanecia oculta para a maior parte dos judeus.

Desse modo, com um discernimento sobrenatural penetrante, agudo e inerrante, São Pedro sintetiza em poucas palavras toda a doutrina sobre o mistério de Jesus de Nazaré, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

A inspiração do Pai

17 Respondendo, Jesus lhe disse: "Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que te revelou isso, mas o meu Pai que está no Céu".

Em geral se presta pouca atenção a este pormenor, que ilumina de maneira particular a festa de hoje: a confissão de fé de São Pedro deve seu peso à iluminação divina, sem a qual se veria desprovida de qualquer valor.

Portanto, a segurança da cátedra petrina provém antes de mais nada da inspiração do Céu, de um compromisso de Deus para com os homens garantindo-lhes a veracidade do ensinamento do Sumo Pontífice, graças a seu auxílio infalível. A solidez da rocha não reside, em última instância, nela mesma, mas sim na própria Trindade, na qual está fundamentada.

Duas rochas, dois fundamentos?

18 "Por isso Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e o poder do inferno nunca poderá vencê-la".

São Pedro é constituído como a rocha – Cefas, segundo a forma aramaica – sobre a qual Nosso Senhor construirá sua obra. A esse dom precioso o Redentor acrescenta outro, de relevância incalculável: a promessa da indestrutibilidade da Igreja, pois as portas do inferno não poderão vencê-la.

Contudo, São Mateus focaliza em seu relato um personagem mais destacado que o Príncipe

São Pedro é constituído como a rocha sobre a qual Nosso Senhor construirá sua Igreja, e a esse dom o Redentor acrescenta a promessa de que ela jamais será destruída

Tiago Galvão

"Pregação de São Pedro", por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

São Pedro e os outros Apóstolos não são fundamentos distintos de Nosso Senhor, mas dependentes d'Ele, e sua doutrina não é diferente da de seu Mestre

dos Apóstolos. Trata-se do próprio Nosso Senhor, pois é Ele quem constitui Simão como pedra basilar da Igreja, e quem promete torná-la invencível contra os assaltos do maligno.

A este propósito os protestantes arguiam nas disputas teológicas ser incoerente pretender que a Esposa de Cristo tivesse dois alicerces, ou seja, Jesus e o Apóstolo Pedro. Baseados na Escritura, que se refere diversas vezes a Nosso Senhor enquanto rocha fundamental da Igreja, procuravam descartar a missão do Papa, Sucessor de São Pedro e seu inimigo jurado. Citavam com frequência a célebre asserção de São Paulo: "Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo" (I Cor 3, 11). Como esclarecer essa aparente dicotomia? A Igreja teria, então, dois fundamentos distintos?

Para responder a essas indagações, vem ao caso citar uma obra apologética de São Francisco de Sales, que o fez merecedor do título de Doutor da Igreja:

"Nós [católicos] não o colocamos [São Pedro] como fundamento, mas quem o colocou foi Aquele mesmo sem o qual não pode haver nenhum outro fundamento. Portanto, se Nosso Senhor é verdadeiro fundamento da Igreja – como de fato é – faz-se necessário crer que São Pedro também o seja, já que Nosso Senhor o pôs em tal posição. […]

"Considerastes bem as palavras de São Paulo? Ele não quer que nenhum outro fundamento, diferente de Nosso Senhor, seja reconhecido, pois nem São Pedro nem os outros Apóstolos são fundamentos distintos de Nosso Senhor, mas dependentes d'Ele. Sua doutrina não é diferente daquela de seu Mestre, mas a mesma de seu Mestre. […]

"Nosso Senhor, portanto, é fundamento, e São Pedro também, mas com uma diferença tão notável que, comparados um ao outro, pode-se considerar o segundo como não o sendo. Isto porque Nosso Senhor é fundamento e fundador, fundamento sem outro fundamento, fundamento da Igreja natural, mosaica e evangélica, fundamento perpétuo e imortal, fundamento da Igreja Militante e da Triunfante, fundamento de Si mesmo, fundamento de nossa fé, esperança e caridade e do valor dos Sacramentos. São Pedro é fundamento, mas não fundador de toda a Igreja; fundamento, sim, mas firmado sobre outro fundamento, que é Nosso Senhor; fundamento unicamente da Igreja evangélica, fundamento sujeito a sucessão, fundamento da Igreja Militante, mas não da Triunfante; fundamento por participação, fundamento ministerial, não absoluto, e, em definitivo, administrador e não senhor, e de nenhum modo fundamento de nossa fé, esperança e caridade, nem do valor dos Sacramentos.

"Essa tão grande diferença faz com que, por comparação, um não seja chamado de fundamento em face do outro; mas, considerado separadamente, possa chamar-se fundamento, de modo a dar razão às palavras sagradas: sendo o Bom Pastor, Ele não deixa de dar-nos pastores abaixo de Si, mas com uma tal diferença entre

eles e a sua majestade, que Ele próprio mostra ser o único Pastor".[5]

O poder das chaves

[19] "Eu te darei as chaves do Reino dos Céus: tudo o que tu ligares na terra será ligado nos Céus; tudo o que tu desligares na terra será desligado nos Céus".

Era símbolo da realeza em Israel a chave de comando, que costumava ter tamanho relevante, a ponto de ser carregada aos ombros (cf. Is 22, 22). Nesta passagem Nosso Senhor entrega a São Pedro as chaves do Reino dos Céus. Ao usar o plural, Ele indica o molho confiado ao governador do palácio real, uma espécie de mordomo com capacidade de administrar os bens enquanto segundo homem abaixo do príncipe. Trata-se, portanto, da delegação de um poder vicário concedido ao primeiro Papa em prol da Igreja Militante, pois tudo o que ele ligue ou desligue na terra será ligado ou desligado no Céu, ou seja, terá consequências na eternidade para os fiéis que peregrinam neste mundo.

Cabe notar que o Divino Mestre outorga a Pedro o poder de ligar e desligar, expressões metafóricas que parecem não estar em harmonia com a imagem das chaves, que abrem e fecham. Na realidade, será a Redenção operada no Calvário que descerrará as portas do Céu. O múnus petrino consistirá em dispor as almas para a salvação ou impedi-las de acederem ao perdão. Por isso as desliga de suas culpas e das garras do demônio, facultando-lhes a possibilidade de alcançar o prêmio eterno; ou as liga, impedindo-lhes a vida sacramental e, portanto, fechando para elas a portas do Reino Eterno.

Francisco Lecaros

São Pedro - Catedral de Viseu (Portugal)

III – Catolicismo: a certeza da verdade

A festa da Cátedra de Pedro traz à memória da Igreja o dom inestimável da infalibilidade pontifícia, que constitui a base da Fé Católica, dando aos fiéis a possibilidade de confiar com plena certeza nas palavras de verdade declaradas pelos Papas de modo solene ou definitivo.

É essa a rocha escolhida por Cristo para construir sua Igreja. E por mais que os homens atentem contra o valiosíssimo depósito da Fé, procurando obscurecê-lo ou destruí-lo, não o lograrão. Os ensinamentos pontifícios ressoarão sempre como a voz do autêntico Pastor nos ouvidos interiores das ovelhas escolhidas pelo Senhor.

Portanto, mesmo em tempos de crise e de desorientação, fujamos de qualquer desalento, certos de que os homens passam, com suas falácias e enganos, mas a verdade permanece. Nosso Senhor Jesus Cristo, que fundou a Igreja sobre Pedro e a edificou como fortaleza inexpugnável, continua a vigiar e guiar sua Igreja. A vitória será dos que n'Ele confiarem! ✧

Nosso Senhor Jesus Cristo, que fundou a Igreja sobre Pedro e a edificou como fortaleza inexpugnável, continua a vigiá-la e guiá-la. A vitória será dos que n'Ele confiarem!

---

[1] O grande São Jerônimo, dirigindo-se ao Bispo de Roma, assim se expressava: "Julguei que devia consultar a Cátedra de Pedro e a fé louvada por boca apostólica, e buscar alimento para minha alma ali onde, outrora, recebi a vestidura de Cristo. […] Eu, que não sigo outra primazia senão a de Cristo, uno-me em comunhão com Vossa Beatitude, ou seja, com a Cátedra de Pedro. Sei que a Igreja está edificada sobre esta rocha" (SÃO JERÔNIMO. Epístola 15. A Dámaso, n.1-2. In: *Obras Completas*. Madrid: BAC, 2013, t.Xa, p.73; 75).

[2] CONCÍLIO VATICANO I. *Pastor æternus*: DH 3074.

[3] Idem, 3070.

[4] SÃO LEÃO II. *Carta "Regi regum" ao Imperador Constantino IV*: DH 563.

[5] SÃO FRANCISCO DE SALES. Les controverses. P.II, c.6, a.2. In: *Œuvres*. Annency: J. Niérat, 1892, t.I, p.236-238.

Reprodução

Condessa Matilde de Toscana

Virgem virtuosa, guerreira e nobre

Para enfrentar a conjuração contra o Vigário de Cristo e sua Igreja, o Senhor dos Exércitos suscitou no coração de uma dama um altíssimo ideal. Seu exemplo marcaria a História.

Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas, EP

Em meados do século XI, ao dar-se uma das mais belas cerimônias da Cristandade – a elevação de um príncipe à dignidade imperial, cuja coroa era eletiva – a Europa assistiu a algo diferente: Henrique III havia deixado a tutela de seu filho nas mãos do Papa Vítor II, evitando dessa forma toda competição ao trono germânico e até mesmo uma eleição.[1] Morto o imperador, o Papa logo prosseguiu à investidura do herdeiro, que contava apenas cinco anos. Todos os nobres prestaram-lhe juramento de fidelidade e lhe renderam suas homenagens. Henrique IV passou a ser, assim, rei dos romanos e imperador do Sacro Império.

Entre os personagens presentes à sagração, encontravam-se duas nobres, senhoras das terras de Toscana: Beatriz, duquesa de Toscana, e sua filha Matilde, que tinha dez anos. Encantada com os esplendores da cerimônia, Matilde tudo observava com muita atenção. Não podia sequer imaginar que contra aquele menino ela travaria uma guerra implacável!

A Europa à beira do cisma…

O ano de 1073 foi marcado pela eleição do novo Pontífice, Hildebrando, cujo nome seria Gregório VII. Arcediago da Igreja de Roma, havia sido conselheiro de oito Papas e se destacara entre os clérigos por seu zelo e firmeza de alma na defesa dos bons costumes. Mas a alma de Hildebrando era sobretudo a de um monge. Tendo passado um período de sua vida em Cluny – abadia que se constituíra como que no coração da Cristandade –, ele encarnava todos os fulgores do espírito beneditino, entre os quais a disciplina, o amor à castidade e o absoluto desinteresse pelos bens terrenos.

A Igreja, por sua vez, passava por um período conturbado, em que uma funesta confusão entre o temporal e o espiritual se estabelecera por todas as partes. Tratava-se da querela das investiduras: a preço de ouro, o imperador concedia cargos eclesiásticos, como o episcopado ou o abadiado, a pessoas abastadas que muitas vezes sequer haviam recebido o Sacramento da Ordem nem possuíam vocação para isso. Tais desordens abriam a porta para uma série de outros abusos, formando-se então um contingente de Bispos e clérigos interesseiros, eleitos pelo imperador, oposto ao clero verdadeiro, fiel ao poder pontifício e à sua missão. Tudo estava pronto para um cisma entre a Igreja e o império.

Nesse contexto histórico, a eleição de São Gregório VII significou uma declaração de guerra a favor da boa ordem. Reunindo forças entre os que permaneciam fiéis, o Papa recorreu a Beatriz e a Matilde, a qual, com a morte de seu pai, Bonifácio de Canossa, e de seu irmão herdara as terras da vasta e estratégica região da Toscana, ao norte de Roma, que separava uma parte dos Estados Pontifícios do Império Germânico.

São Gregório VII escreveu uma carta às duas nobres italianas alertando-as sobre a situação de certos Bispos e sacerdotes que queriam espalhar a simonia na região da Toscana. Pediu-lhes com insistência que evitassem qualquer comunhão com eles, dirigindo-se a ambas com o glorioso título de "filhas muito amadas de São Pedro".[2]

"Uma missão providencial"

Com o apoio de sua mãe, desde os vinte e um anos Matilde havia iniciado sua carreira de armas ao conduzir os exércitos toscanos contra os normandos, junto com Godofredo, o Barbudo, segundo esposo de Beatriz.

Tinha ela verdadeira capacidade de mando, manejava perfeitamente as armas e seu temperamento destemido a levava a enfrentar com segurança qualquer situação árdua que se opusesse aos interesses da Igreja e da Sé Romana. São Gregório VII bem o sabia e contava com esse apoio.

Contudo, a Duquesa Beatriz e sua filha Matilde desejavam abraçar a vida religiosa. Ao exporem seu pedido ao Papa, ele lhes respondeu com uma paternal missiva, desvendando nela o importante contributo que esperava de ambas na situação pela qual a Igreja passava: "Se outros príncipes quisessem assumir esse papel glorioso cujo fardo somente vós sustentais, eu mesmo vos aconselharia, para vosso bem pessoal, a renunciar ao século e às suas cruéis solicitações". Prosseguindo a carta, explicou-lhes que, enquanto muitos príncipes expulsavam Deus de seus palácios pela vida devassa que levavam, elas O atraíam com o odor de suas virtudes, e concluiu: "Eu vos suplico, como a filhas muito queridas, que perseverais em vossa missão providencial e a conduzais a bom termo".[3]

Um ano depois, morreu Beatriz. A Condessa Matilde viu-se então abandonada. O peso da responsabilidade de toda a Toscana pesava-lhe nos ombros. Mas não era só isso… Como continuar sozinha a guerra contra os inimigos da Igreja? Apesar de ter acertado matrimônio com um nobre da casa de Lorena, o casamento não havia passado de um contrato escrito, pois seu esposo morrera pouco depois e sua virgindade mantivera-se intacta.

Decidida a fazer-se religiosa, Matilde recorreu novamente a São Gregório VII, que lhe respondeu: "Ao vos impor, em nome da caridade, o sacrifício de vosso desejo de solidão, eu contraí uma obrigação mais estreita de vigiar pela salvação de vossa alma".[4] A condessa então cedeu. Apoiada na graça e na proteção desse tão paternal Pontífice, ela enfrentaria, com ele, a conjuração contrária ao Vigário de Cristo e sua Igreja.

Enquanto os Bispos se vendiam vergonhosamente ao poder imperial, Matilde, a princesa mais rica da Itália, se submetia ao Sucessor de Pedro, contrapondo assim com suas virtudes os horrores que se alastravam pela Cristandade.

Numa época em que os Bispos se vendiam ao poder imperial, a Condessa Matilde, princesa mais rica da Itália, submeteu-se ao Sucessor de Pedro, tornando-se sua fiel defensora

Matilde de Toscana entrega seus bens a São Gregório VII - Museus Vaticanos. Na página anterior, retrato da condessa

Um imperador excomungado

Henrique IV escandalizava toda a Europa com suas atitudes. E as consequências da simonia e do confisco da investidura canônica pelo poder temporal se espalhavam como uma praga incontrolável. Diante disso, São Gregório VII viu-se obrigado a tomar uma atitude intransigente e justa: excomungou-o, tirando-lhe assim a possibilidade de manter a coroa.

Os príncipes da Alemanha reuniram-se numa dieta para julgar o caso do imperador, e decidiram que ele teria um ano para reconciliar-se com o Papa; caso contrário, perderia o trono definitivamente e se procederia a outra eleição.

Desesperado ao ver que tudo ruía diante de si e levado por paixões desordenadas, Henrique reuniu um exército e dirigiu-se a Roma para proclamar um antipapa que o coroasse novamente.

Ora, Matilde possuía uma fortaleza em Canossa, que era como um ninho de águia: erguia-se no alto de uma montanha e estava fortificada por três imponentes muralhas. Apesar do rigoroso inverno, a condessa para lá conduziu o Sumo Pontífice, a fim de protegê-lo contra o imperador e seu exército.

Entrementes, o tempo que a dieta estabelecera para Henrique estava se esgotando, e o Papa continuava à espera de um sincero pedido de perdão.

Canossa: cenário de um importante acontecimento

Certo dia apresentaram-se em Canossa dois mensageiros, anunciando: "O rei deseja ser recebido por Sua Santidade". Matilde transmitiu o aviso a São Gregório VII; contudo, desconfiada das intenções de Henrique, decidiu ir ela mesma ao seu encontro. O Papa a abençoou e a condessa, com a espada na cintura como era seu costume, saltou ao cavalo acompanhada por um oficial e alguns soldados.

Ao encontrar o monarca, Matilde pôde ver de perto a inconstância daquele coração corrompido: suas palavras pareciam denotar arrependimento, mas em sua fisionomia transpare-

ciam interesse e ambição de poder. Apesar disso, em comum acordo com aqueles que o acompanhavam, entre os quais estava Santo Hugo, abade de Cluny e padrinho de Henrique, ela os conduziu até as portas de Canossa. Todos, porém, desconfiavam da sinceridade do imperador…

De início, o Santo Padre negou-se a recebê-lo enquanto não desse verdadeiros sinais de penitência e do propósito de submeter-se às exigências pontifícias. Henrique insistiu, prometendo estar arrependido, o que levou o Papa a autorizar sua entrada nos domínios do castelo. A um sinal de Matilde, os oficiais abriram as portas da primeira muralha, e o imperador penetrou até a segunda fortificação, onde se hospedou com seu séquito.

No primeiro dia em Canossa, Henrique despojou-se de seus hábitos reais, vestiu uma túnica penitencial e, descalço, se expôs ao frio do inverno, enquanto aguardava que seu juiz, o Papa, se dignasse recebê-lo para conceder-lhe o perdão. Depois de três dias, nos quais o imperador derramou copiosas lágrimas, São Gregório VII o convocou.

Reprodução

Em Canossa, Matilde protegeu São Gregório contra Henrique IV e, mais tarde, mediou a reconciliação do imperador com o Papa

"Henrique IV diante de Canossa", por Eduard Schwoiser - Fundação Maximilianeum, Munique (Alemanha); abaixo, na extremidade direita, ruínas do Castelo de Canossa (Itália)

Humilhado diante do Sumo Pontífice e não podendo falar por si mesmo, Henrique escolhe como intermediário entre ele e o Papa a própria Matilde, pois admirava e respeitava sua dignidade e nobreza de alma. Ela consente, refletindo nesse momento a Rainha dos Céus, a quem os pecadores recorrem para ser sua advogada junto a Deus.

O Santo Padre estabeleceu suas condições para o levantamento da excomunhão. Henrique as aceitou. Deveria dirigir-se à dieta na Alemanha para que seu caso fosse julgado pelos príncipes e, se o tivessem por inocente, poderia ser restabelecido no trono; se não, outro seria eleito em seu lugar.

Alguns dias após esse encontro, o Papa procedeu à cerimônia na qual seria concedido oficialmente o perdão ao imperador. Emocionado até às lágrimas e cheio de bondade paternal, São Gregório VII absolveu o monarca penitente, levantando-lhe a excomunhão. Canossa se transformara num lugar memorável.

Entretanto, passados alguns dias as atitudes de Henrique IV, ainda hóspede na fortaleza, começam a desmentir todas as suas promessas. O coração de Matilde entristeceu-se; suas esperanças de ver naquele lugar a reconciliação entre a Igreja e o Estado começavam a se desfazer…

O herdeiro de Matilde

Já haviam passado seis meses desde que Matilde hospedara o Santo Padre em Canossa; era necessário que ele voltasse a Roma. Chegara o momento da despedida entre essas duas almas que tanto tinham lutado pela Igreja.

Matilde ajoelhou-se então diante do Sumo Pontífice e realizou um belíssimo ato: a doação de todos os seus bens à Santa Sé. Ela era virgem e assim permaneceria até o fim de sua vida; não teria, portanto, herdeiros nem possuía familiares com quem dividir seus domínios. Estes incluíam os vastos territórios com castelos, fortalezas, igrejas e capelas, que abrangiam parte da Lombardia e toda a Toscana, recebidos de seu pai, e o Ducado da Baixa Lorena, herança de sua mãe.

Seu biógrafo Domnizo, que foi também seu capelão, escreve: "Ela fez a doação de tudo o que possuía a Pedro, o guarda-chaves dos Céus. O porteiro do Céu tornara-se seu hóspede, ela se fez sua porteira e o escolheu por seu herdeiro".[5]

Virgem e guerreira até o último suspiro

"Uma mulher virtuosa, quem pode encontrá-la? Superior ao das pérolas é o seu valor" (Pr 31, 10). Ratificando esta sentença das Escrituras, a Condessa Matilde foi uma dama que governou mais pela influência de sua

virtude do que pela arte política ou diplomática; combateu mais pela força de sua pureza do que pela destreza nas armas; e venceu mais por seu amor incondicional ao Papado do que pela capacidade militar!

Depois da morte de São Gregório VII, ela ainda lutou junto aos Sucessores de Pedro que continuaram as reformas iniciadas pelo santo Pontífice. Esteve ao lado de Vítor III e com ele combateu irredutivelmente o antipapa Clemente III, acompanhou com fervor os empreendimentos de Urbano II durante os onze anos de seu pontificado, e ainda atendeu a todos os pedidos de auxílio de Pascal II. À menor insinuação de necessidade de ajuda vinda da Cátedra de Pedro, seus exércitos acudiam, quase sempre com a condessa à frente, de espada na mão, comandando os soldados.

A Condessa de Toscana, virgem e guerreira, imolou sua existência numa luta incansável em prol da causa de Deus

"Matilde de Canossa a cavalo", por Paolo Farinati - Museu de Castelvecchio, Verona (Itália)

Aos sessenta e sete anos – um ano antes de sua morte –, na vanguarda de seus homens Matilde reprimiu uma insurreição numa cidade de seus domínios que, instigada pelas revoltas cesarianas, tinha se sublevado. Henrique IV havia morrido, e antes dele, o antipapa Clemente III. Henrique V, *hélas*, seguia os caminhos do pai, mas em setembro de 1122, durante o pontificado de Calixto II, finalmente o império submeteu-se ao Sumo Pontífice na Dieta de Worms, e o monarca se declarou vassalo da Santa Sé. Este acontecimento teria enchido Matilde de alegria! Contudo, havia já sete anos que a condessa entregara sua alma a Deus.

Num de seus castelos mais austeros, Matilde permaneceu o último ano de vida. Pediu que colocassem um altar na porta de seu quarto, para poder assistir, do leito, ao Santo Sacrifício. Vendo-se livre de qualquer bem material, preocupou-se em passar o fim de seus dias em recolhimento, como sempre desejara.

Por fim, sua alma de guerreiro, adornada pela virgindade que havia abraçado desde a juventude, podia apresentar-se diante de Deus: "Eu Vos tenho servido sempre, Senhor, mas às vezes com falhas. Eu Vos conjuro que apagueis agora meus pecados. Não cessei de viver por Vós, foi em Vós que depositei minha esperança. Recebei-me no seio de vossa misericórdia. Sede minha salvação".[6] Com essas palavras, a grande condessa expirou.

Mas o odor de suas virtudes e seu profundo amor ao Papado fizeram com que sua memória permanecesse imortal! Apesar de combatida pelos inimigos da Santa Igreja – em vida e após a morte – a condessa de Toscana é digna de nossa admiração por ter imolado toda a sua existência numa luta incansável em prol da causa de Deus.

Ao longo dos séculos os Pontífices exumaram seu corpo três vezes e encontraram-no incorrupto, quiçá numa manifestação da glória e da alegria que sua alma goza eternamente no Céu. Por fim o levaram para a Basílica de São Pedro, sendo uma das poucas mulheres enterradas onde somente os Papas repousam. Em seu leito de pedra, no coração da Santa Sé, Matilde espera o dia do Juízo Final e, sem dúvida, não cessa de interceder em favor das batalhas que hoje são travadas pela Igreja santa e imaculada. ✧

---

[1] Os dados históricos citados ao longo deste artigo estão baseados na obra: GOBRY, Ivan. *Mathilde de Toscane*. Condé-sur-Noireau: Clovis, 2002.

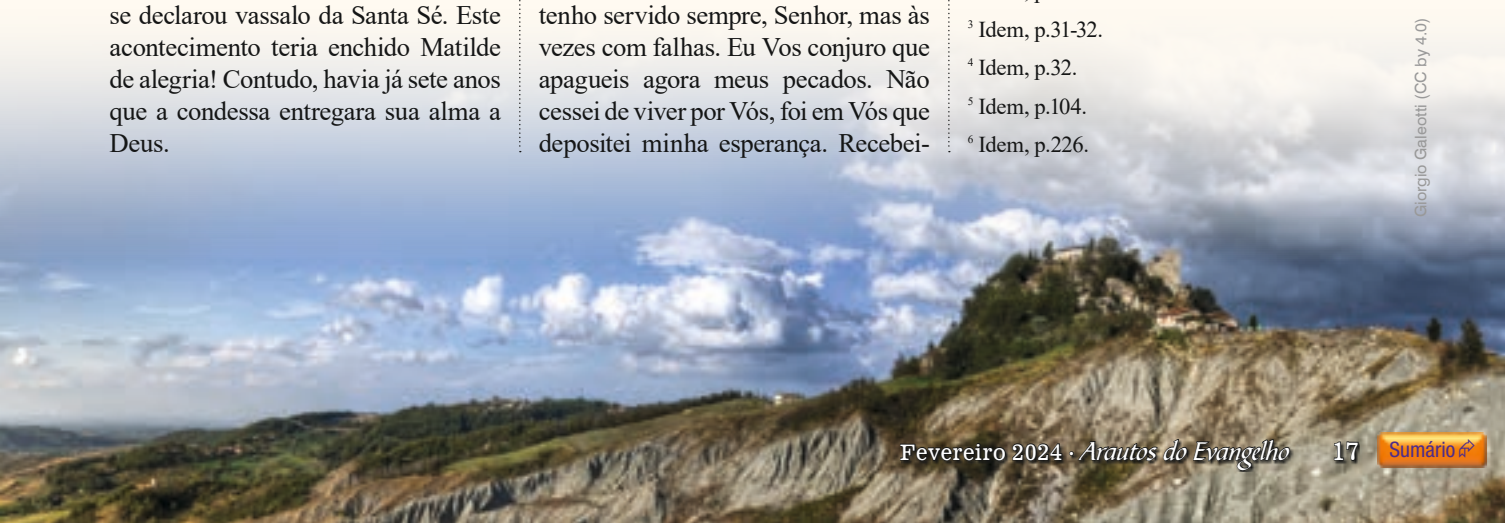
[2] Idem, p.28.

[3] Idem, p.31-32.

[4] Idem, p.32.

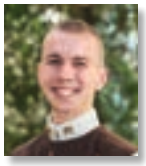
[5] Idem, p.104.

[6] Idem, p.226.



Lições de um curto pontificado

"Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor".



André Luiz Kleina

Excetuados os tempos apostólicos, a Santa Igreja talvez nunca tenha vivido um período de tantos fatos terríveis e gloriosos, como no século XVI. A evangelização do Novo Mundo e a Contrarreforma com o Concílio de Trento, entre inumeráveis outros, constituem um legado de inestimável valor deixado aos tempos futuros, não obstante perdas lastimosas, como os cismas protestantes na Inglaterra e Alemanha.

Também entre os sucessores de Pedro aconteceu algo semelhante. Ao lado de grandes luzeiros da Fé, como São Pio V, infelizmente ocuparam a cátedra da verdade homens pusilânimes e de probidade discutível, cujas atitudes muitas vezes contrastam com a alta missão a eles confiada pelo Espírito Santo.

Analisando de perto o sinuoso caminho da história dos Pontífices, encontramos uma figura importante, mas pouco conhecida: Marcelo Cervini, eleito em 1555 com o nome de Marcelo II.

Origens marcadas pela virtude

Marcelo Cervini nasceu em 1501, oriundo de uma família da nobreza de Montepulciano, Itália. Seu pai, Ricardo Cervini, era um grande intelectual e gozava então de muito prestígio em Roma, onde ajudara o Papa Leão X na reforma do calendário. Consciente de seu dever paterno, desde cedo educou o filho nas ciências sagradas e profanas, ambas de muito interesse para Marcelo, que unia como num arco gótico a inteligência e a mais sincera humildade.

Para completar os estudos, o jovem foi enviado a Siena, cidade bem conhecida pela vida licenciosa. No entanto, ele se manteve firme em meio a inúmeras ocasiões de perdição, sendo sempre exemplo de retidão e simplicidade para seus companheiros.

Por volta de 1523 partiu para Roma, convivendo muito tempo nos círculos de estudiosos e de eclesiásticos do Vaticano, onde recebeu constantes favores e incumbências do Pontífice reinante, Clemente VII. Por fim, após anos de serviço à Santa Sé, em 1539 foi elevado ao cardinalato pelo Papa Paulo III.

Fiel servidor da Igreja

A partir de então o purpurado exerceu a função de legado pontifício em relevantes missões diplomáticas, demonstrando sempre sua fidelidade aos interesses da Santa Igreja, sobretudo no Concílio de Trento, durante o qual

O conclave de 1555 elegeu Cervini como Sumo Pontífice. Havia muito ele tinha realizado em si a reforma de Trento e, sendo Papa, ardia por suprimir abusos e restabelecer a unidade da Fé

Jardins Vaticanos e Basílica de São Pedro em meados do século XVI, por Hendrick van Cleve III - Fundação Custódia, Paris

Reprodução

foi um dos presidentes. Sua rigidez e integridade – como sói acontecer – compraram-lhe não poucos inimigos, dentre os quais o próprio Imperador Carlos V que, ao tentar suborná-lo, recebeu dele terrível repreensão.

Morto o Papa Júlio III, o conclave de abril de 1555 acabou por eleger unanimemente Cervini como Sumo Pontífice, apesar dos esforços em sentido contrário por parte de seus opositores. Conservando seu nome de batismo, ele seria coroado como Marcelo II. Um único voto lhe foi desfavorável: o seu próprio, dirigido por sua vez ao prestigiado Cardeal Gian Pietro Carafa, futuro Papa Paulo IV, na época decano do Sacro Colégio e partidário, como ele, da boa reforma eclesiástica.

Nessa impressionante eleição "foi decisiva sua vida irrepreensível e seu critério rigorosamente eclesiástico. Marcelo Cervini havia muito tinha realizado em si mesmo a reforma e, sendo Papa, ardia por suprimir abusos e restabelecer a unidade da Fé e a paz universal".[1]

Como Vigário de Cristo, ele demonstrou possuir uma têmpera firme, ser convicto em suas ideias e, sobretudo, ter extremado zelo pelo rebanho de Deus a ele confiado. Logo que subiu ao sólio de São Pedro, promoveu a tão desejada reforma nos costumes do clero, então assaz decadentes. E para remediar o lastimável nepotismo, amplamente praticado por seus antecessores, proibiu a entrada de seus parentes em Roma sem seu expresso consentimento, além de considerar com relutância a hipótese de favorecê-los com os bens eclesiásticos.

Entretanto… não pôde levar mais adiante seus planos, que tanto prometiam para o futuro da Igreja.

Nas mãos da Providência

"Se minha vida há de ser útil à Igreja de Deus, que Ele a guarde; se não, antes a desejo breve, para não aumentar meus pecados".[2] Assim respondeu a alguém que lhe desejava um longo e próspero reinado no dia de sua eleição como Sumo Pontífice. À primeira vista pode chocar tal afirmação, mas já São Paulo a havia respaldado, e Marcelo tinha bem claro as palavras do Apóstolo: "Nenhum de nós vive para si, e ninguém morre para si. Se vivemos, vivemos para o Senhor; se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor" (Rm 14, 7-8).

Que intenções teve o Altíssimo ao levar um servo de tão promissoras esperanças e que tão pouco reinou como Sucessor de Pedro?

Retrato do Papa Marcelo II - Museus Vaticanos

E foi isso o que se deu. Após oficiar as cerimônias da Semana Santa, Marcelo II caiu gravemente enfermo, vindo a falecer em poucos dias, para o espanto de toda a Cristandade. Seu pontificado durou apenas vinte e dois dias, dos quais dez transcorreram com o Pontífice totalmente inválido…

O que foi causa de consternação para os homens – sobretudo para os bons – era, porém, o desejo de Deus. Por certo, só no dia do Juízo saberemos que intenções teve o Altíssimo ao levar um servo de tão promissoras esperanças e que tão pouco tempo reinou como Sucessor de Pedro.

Um exemplo a ser imitado

Os restos de Marcelo II foram depositados em um simples túmulo na Basílica Vaticana, conforme seu desejo. "Não é o sepulcro que honra tuas cinzas, mas são as cinzas que honram teu sepulcro",[3] escreveriam ali mais tarde.

A instâncias de São Roberto Belarmino, sobrinho do Papa, Giovanni Pierluigi da Palestrina compôs uma de suas mais célebres obras polifônicas em memória do defunto: a *Missa Papæ Marcelli*.

Como nos surpreendemos ao ver, em fatos como este, o modo de a Providência conduzir os acontecimentos. Independentemente de qual teria sido o porvir terreno do Papa Marcelo, o certo é que o Senhor pediu dele uma total flexibilidade e renúncia à própria vontade e às suas aspirações, por mais probas e santas que fossem, para o cumprimento dos desígnios divinos. Quantas vezes nos é mais fácil realizar obras e fazer conquistas, do que nos resignarmos diante de um pequeno contratempo desejado por Deus, mas que vai de encontro aos nossos planos…

Marcelo II é um exemplo de pastor a ser admirado, mas sobretudo imitado. ✧

---

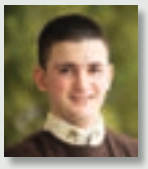
[1] WEISS, Juan Bautista. *Historia Universal*. Barcelona: La Educación, 1929, v.IX, p.681-682.

[2] PASTOR, Ludovico. *Historia de los Papas. En la época de la reforma y restauración católica.* Barcelona: Gustavo Gili, 1927, v.XIV, p.37.

[3] Idem, p.52.

Cruzados do século XIX

A surpreendente história dos zuavos pontifícios, em pleno século do progresso, é um admirável exemplo de amor pela Santa Igreja levado até ao sacrifício de si mesmo.



Luiz Eduardo Trevisan

Reprodução

Zuavo pontifício - Museu Glauco Lombardi, Parma (Itália)

Dos membros de um peculiar corpo de guerra, os ditos zuavos pontifícios, a Providência exigiu que vertessem sangue do corpo e da alma

Heroísmo. Palavra cheia de imponderáveis, que reúne em si tudo o que de mais sublime houve na História dos homens. Ela fala de gládios que se entrechocam em campo aberto de homens que se lançam ao desconhecido, transpondo abismos, oceanos e montanhas, para escrever seus nomes no Céu; de gênios, aventureiros, idealistas, enfim, de pessoas às quais o impossível é sinônimo de irresistível.

Contudo, esses esplendores do heroísmo não são os únicos, nem mesmo os principais. Mais do que enfrentar as balas do adversário ou imolar a vida inteira em prol de uma difícil conquista, sabendo que aquele sacrifício redundará nos louros da fama, da glória ou da veneração dos homens, o píncaro do heroísmo consiste em estar disposto a suportar a vergonha e a chacota, e a passar por covarde em face do mundo inteiro. Então se verte o sangue da alma, muito mais valioso que o do corpo.

Pois bem, dos membros de um peculiar corpo de guerra, os ditos zuavos pontifícios, a Providência exigiu que vertessem tanto um quanto o outro…

Antecedentes históricos

Giovanni Maria Mastai Ferretti foi eleito Papa em 16 de junho de 1846, adotando o nome de Pio IX. Já nos primeiros anos de seu reinado, teve de enfrentar sérias revoluções originadas por movimentos patrióticos italianos, que atentavam contra seu domínio sobre os Estados Pontifícios.

Entretanto, como as revoltas iniciais não obtiveram pleno sucesso, os conspiradores resolveram esperar algum tempo até que os ânimos se reacendessem, o que demorou cerca de dez anos.

Finalmente Vítor Emanuel II, rei da Sardenha-Piemonte, começou uma política de anexação dos pequenos estados da Península Itálica, pela qual se erigia como uma verdadeira ameaça para os Estados Pontifícios. A seu serviço encontrava-se Giuseppe Garibaldi, líder dos soldados revolucionários – chamados "camisas vermelhas" –, que tinha em vista invadir os territórios do Papa.

Nasce o batalhão

Compreendendo a real gravidade dos fatos e considerando o desinteresse das potências europeias pelas questões relativas à Igreja, Pio IX encarregou seu ministro das armas, Mons. Mérode – sacerdote belga e antigo oficial – de providenciar a defesa dos domínios eclesiásticos. Este decidiu, então, convocar o General Louis de La Moricière, célebre herói da guerra colonial na África, para se tornar o comandante geral das forças pontifícias, dentre as quais se destacava o novo batalhão de atiradores franco-belgas, conhecido como *zuavos pontifícios*.[1]

Com vistas a auxiliar La Moricière em sua função junto a esse grupo de

combatentes, foi convocado também Louis de Becdelièvre, que se encarregou da formação e disciplina dos integrantes, transformando aqueles jovens cheios de entusiasmo em verdadeiros soldados. Apesar do pequeno número, eles estavam dispostos a enfrentar qualquer tempestade. E esta não tardou em se armar no horizonte…

Tendo Garibaldi encerrado a conquista da Sicília, marchava com suas tropas sobre Nápoles, último bastião antes dos estados do Papa. La Moricière decidiu então que os zuavos, embora em grande desproporção numérica, combateriam contra o exército italiano e concretizariam o ideal – até então apenas teórico – da luta pela Igreja: era chegada a hora tão desejada por seus homens.

Castelfidardo: a prova da fidelidade

Como primeira das preparações, Becdelièvre aconselha que todos se confessem e estejam prontos para comparecer diante do supremo tribunal de Deus.

Uma vez em paz com o Senhor, e tendo abertas diante de si somente as portas da vitória ou as do Céu, os zuavos se lançam ao combate. A 18 de setembro de 1860, o General La Moricière dirige-se para Ancona, perto de Castelfidardo, e dá batalha em campo aberto contra as tropas garibaldinas.

No entanto, os desígnios divinos são muitas vezes contrários aos dos homens: em vez de conceder a esses jovens soldados um triunfo definitivo, a Providência exige algo muito mais árduo: a fidelidade em meio ao opróbrio. Devido à supremacia numérica do exército inimigo, eles são derrotados.

Vendo-se obrigados a se refugiar em Loreto, os combatentes recolhem-se diante de uma imagem de Nossa Senhora, a fim de obter forças para os próximos sofrimentos.

É fácil conceber a decepção generalizada que o insucesso causou nos meios católicos, aumentando o descontentamento daqueles que eram contrários à formação daquela força militar.

Apesar de tudo, esse sentimento foi contra-arrestado em outra parcela da Opinião Pública por certa comoção e até mesmo um surto de entusiasmo, e assim novos recrutas se alistaram para incrementar o pequeno exército papal.

Entre eles, vale a pena mencionar o caso de Queré, um jovem camponês iletrado – de má aparência e dialeto ininteligível – que provinha da Bretanha e se apresentou em Paris para alistar-se nas fileiras pontifícias. Além de seu "currículo" insuficiente, o mancebo possuía um defeito na constituição do pé, de modo a torná-lo impróprio à marcha. Aproveitando-se de que ele esquecera seus documentos, negaram-lhe a entrada no esquadrão. Contudo, o bretão estava tão determinado que, apesar de ter vindo a pé de sua aldeia a Paris, voltou ainda uma vez à sua terra e retornou à capital, trazendo desta vez a documentação exigida. Diante de tal mostra de decisão, não houve outra coisa a fazer senão aceitá-lo.

Um outro soldado, em carta para sua família, externou a seguinte ideia: "A Deus e a seu Vigário eu não tenho para oferecer nem fortuna, nem nobreza, nem talentos, nem influência alguma; tenho apenas meu sangue, e isso eu lhe dou".[2]

Mas enquanto crescia o número dos soldados pontifícios, chegando a seiscentos homens em janeiro de 1861, Vítor Emanuel fazia sua entrada triunfal em Nápoles, última de seu caminho em direção às terras do Papa.

Profícuo período de inação

Apesar disso, após a Batalha de Castelfidardo houve certa calmaria em ambos os lados, o que não impedia que se travassem muitos pequenos enfrentamentos.

Para os zuavos, esse período foi de grande proveito na preparação tanto militar quanto espiritual, devido à proximidade com Pio IX, ao qual eles

Xfigpower (CC by-sa 4.0)

Papa Pio IX com soldados zuavos - Igreja de São Pedro, Longueville (França)

Ante a ameaça de invasão das tropas de Garibaldi, Pio IX encarregou seu ministro de armas de constituir a defesa dos domínios da Igreja

Reprodução

Após duras provas iniciais, em Mentana os zuavos obtiveram vitória completa contra os inimigos, apesar de estarem em menor número

"A batalha próximo a Mentana", por Lionel-Noël Royer - Coleção privada

prestaram juramento de fidelidade em janeiro de 1861.

Nesse tempo de certa inação, dois fatos merecem especial destaque. O primeiro foi a chamada *Convenção de Setembro*: um acordo assinado em 1864 entre Vítor Emanuel II e Napoleão III, que coordenava a retirada das tropas francesas do território italiano e a não-agressão às terras papais. O segundo, no mesmo mês do ano seguinte, foi a morte de La Moricière. Com esta perda, Pio IX viu-se na contingência de ceder às instantes solicitações que lhe advinham de todas as partes para dispensar Mons. Mérode da função de ministro das armas, e transferi-la ao general alemão Hermann Kanzler, que, diga-se de passagem, revelou-se muitíssimo eficaz.

A nova nomeação, somada à indignação geral causada pela retirada das tropas francesas, renovou o fervor dos zuavos e dos católicos que, do mundo inteiro, vinham alistar-se nas fileiras pontifícias. Por causa disso, de um batalhão cujo contingente, em 1865, não passava de quinhentos homens, o exército cresceu em dois anos para 2.289, dos quais 872 eram holandeses, 659 franceses e 495 belgas.

"Coopero com a mais santa das missões"

Sentia-se no palpitar dos corações o surgimento de nova força, que bem poderia ser expressa pelas palavras do Barão Onffroy: "Quereríamos ver nascer, em favor do digno Sucessor de Pedro, o magnífico movimento que se verificou na época de Godofredo de Bouillon e de São Luís rei, em vista da libertação dos Lugares Sagrados".[3]

Aquelas eram verdadeiras graças de cruzada, que conferiam aos soldados um dinamismo e uma coragem que superavam a simples natureza, como fica claro na carta de um deles à sua família: "A ideia de que eu coopero com a mais santa das missões, que estou cumprindo a vontade divina, me dá uma força que não é natural".[4]

Afirmações como estas testemunham a ação da graça nas almas dos combatentes para as novas lutas que viriam.

Mentana: a grande vitória

O ano de 1867 veio intensificar a atuação do esquadrão papal. Já em fevereiro, Garibaldi percorreu o norte da Itália agrupando homens para avançar sobre a Cidade Eterna. Sua sanha anticatólica era tão evidente que certos fiéis chegaram a considerá-lo o anticristo.

Devido à retomada das hostilidades, os zuavos voltaram também à ação e combateram os garibaldinos em várias ocasiões: Bagnoregio, Montelibretti, Farnese, Monte-Rotondo, entre outras. Graças a Deus, na quase totalidade dos enfrentamentos a vitória pendeu para lado dos defensores da religião, em boa medida graças ao seu treinamento e ao novo comandante.

Entretanto, não era possível manter uma vida em constante guerra. Para isso, fez-se necessário encerrar o assunto de uma vez por todas, através de uma grande batalha.

Com o retorno do apoio de Napoleão III ao exército papal, surgiu a ocasião propícia para finalmente constituir um exército razoável. Agora seriam cinco mil homens – dos quais cerca de dois mil e quinhentos zuavos – a apresentar batalha a dez mil inimigos.

Mentana foi o lugar onde, no dia 3 de novembro, ambos os exércitos se enfrentaram. Apesar da desproporção numérica, ao se encontrarem as duas bandeiras os zuavos avançaram com tal *élan* que, "em um instante, os garibaldinos foram alcançados, atingidos pelas baionetas, lançados por terra e perseguidos sem poder se reagrupar".[5] Finalmente, os exércitos papais os expulsaram da cidade para onde haviam fugido, deixando mil mortos e feridos, além de 1.398 prisioneiros.

A vitória foi completa. Ao chegar em Roma, o batalhão entrou aclamado aos brados pelo povo: "Viva Pio IX! Viva a França! Viva o Papa-Rei! Vivam os zuavos! Viva a tropa pontifícia! Vivam os franceses!"[6]

A queda de Roma e a dissolução dos zuavos

A Batalha de Mentana foi sucedida por uma nova calmaria de três anos, até que, em julho de 1870, iniciou-se a guerra franco-prussiana, a qual obrigou uma nova retirada do apoio francês… Era a ocasião propícia para que os revolucionários italianos voltassem a se armar contra Roma, mas desta vez com a intenção de esmagar… Somavam sessenta mil homens, divididos em três frentes de ataque.

Por seu lado, o General Kanzler determinou que o exército papal, composto por apenas sete ou oito mil soldados, se restringiria à defesa da cidade de Roma em quatro postos. Humanamente falando, era um enfrentamento suicida, e as tropas sabiam disso.

No dia 19 de setembro, ao tomar conhecimento de que os revolucionários estavam a pouco mais de dezesseis quilômetros da capital, Pio IX convocou o ministro e lhe disse: "Queremos que a resistência seja a estritamente necessária para demonstrar a realidade de uma agressão e nada mais". Aturdido pela ordem, Kanzler redarguiu: "Santidade, a armada inteira deseja combater e morrer". Entretanto, o Papa insistiu: "Nós lhes pediremos que se rendam e não que morram; isso será um sacrifício ainda maior".[7]

No dia seguinte o Santo Padre expediu uma carta ao general, reiterando a decisão: "Nesse momento em que a Europa inteira deplora numerosas vítimas, consequência de uma guerra entre duas grandes nações, que não seja jamais dito que o Vigário de Jesus Cristo – ainda que injustamente atacado – tenha consentido numa efusão de sangue".[8] Era este o momento mais exigente: comunicar aos zuavos a ordem de se render.

E assim aconteceu. No dia 20 de setembro, pouco depois de iniciada a batalha, a terrível mensagem foi transmitida pelos comissários e a luta se encerrou com a rendição dos defensores do Papa. Talvez a maior dificuldade desses heróis tenha sido justamente presenciar a entrada dos adversários, que os cobriam com um dilúvio de insultos e agressões, enquanto a bandeira branca da capitulação era içada sobre a cúpula de São Pedro.

> *A guerra teve fim com um duro sacrifício: a rendição das tropas pontifícias, que marcaram a História como os cruzados em defesa da Santa Igreja*

Após terem recebido a bênção do Papa, todos retornam às respectivas pátrias. À rendição seguiu a dissolução dos exércitos pontifícios.

A guerra dos zuavos terminou, mas nimbada pela altíssima honra de ter servido à mais alta das missões. Eles passaram para a História quais cruzados, inesquecíveis baluartes de amor e de sacrifício pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana. ✧

Reprodução

O Papa Pio IX abençoa pela última vez as tropas pontifícias no dia 25 de abril de 1870, antes da rendição de Roma

---

[1] A corte romana só escolheria oficialmente o nome *zuavos* pouco depois da Batalha de Castelfidardo, da qual se falará a seguir. Contudo, a decisão não fez senão chancelar um costume existente, uma vez que já se soía chamar assim o batalhão, devido a seu uniforme (cf. CERBELAUD-SALAGNAC, Georges. *Les zouaves pontificaux*. Paris: France-Empire, 1963, p.60).

[2] GUÉNEL, Jean. *La dernière guerre du Pape. Les zouaves pontificaux au secours du Saint-Siège: 1860-1870*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1998, p.45.

[3] Idem, p.86.

[4] DU COËTLOSQUET, SJ, Charles. *Théodore Wibaux. Zouave pontifical et jésuite*. Lille: Desclée de Brouwer, 1890, p.46.

[5] MÉVIUS, David Ghislain Emile Gustave de. *Histoire de l'invasion des États Pontificaux en 1867*. Paris: Victor Palmé, 1875, p.337.

[6] CERBELAUD-SALAGNAC, op. cit., p.175.

[7] GUENEL, op. cit., p.141.

[8] Idem, p.142.

Argúcia maternal e amorosa

A Santa Igreja Católica sempre gozou de invencível argúcia para desmascarar as heresias disfarçadas e sutis, lances nos quais demonstrou as mais suaves refulgências de sua santidade. Em nossos dias, como resplandece sua sagacidade?

Plinio Corrêa de Oliveira

Nosso século exige uma argúcia sem igual […]. É preciso, a todo custo, acabar com a funesta ingenuidade de se supor que todo indivíduo que esboça confusamente um ato de fé vago e incompleto é, implicitamente, um católico, apostólico, romano digno da maior confiança.

Esta mentalidade é muito mais generalizada do que se supõe. […]

Argúcia pertinaz e combativa

[Quem] foi investido de postos de responsabilidade tem obrigação absoluta – insistimos na palavra absoluta, com toda a consciência do que dizemos – de adestrar sua argúcia, de sorte a poder distinguir da ovelha verdadeira, o lobo que se revestiu matreiramente com a pele do carneiro. Do contrário, não poderá ser dirigente, isto é, pastor. Porque, qual a serventia do pastor que não sabe distinguir o lobo entre as ovelhas e preservar seu rebanho das ciladas que lhe arma o adversário?

Dissemos que a argúcia é uma necessidade particularmente imperiosa em nosso século. Na realidade, porém, ela foi necessária a todos os séculos, porque o espírito das trevas foi sempre dissimulado e falso, e constituem verdadeiras exceções as épocas históricas em que, como no século passado, a impiedade deixou de lado todos os disfarces para se atirar abertamente contra a Santa Igreja. Em geral suas investidas foram disfarçadas e sub-reptícias. O demônio nunca é tão perigoso como quando ele se reveste da aparência dos Anjos fiéis.

Não é outra a razão pela qual a Santa Igreja de Deus foi sempre de uma invencível argúcia em desmascarar as heresias disfarçadas e sutis, e é curioso notar que nessa argúcia pertinaz e combativa ela colocou as mais suaves refulgências de sua santidade.

Argúcia amorosa

A argúcia da Igreja nada tem de comum com a perfídia malévola do politiqueiro desleal, do especulador sem entranhas, do espião sem escrúpulos. O espírito católico não comporta ódio, nem malevolência, mas só amor. A vigilância da Igreja é absolutamente idêntica à argúcia da mãe que, levada pelo amor aos seus filhos, sonda constantemente, com seu olhar vigilante, os perigos que os circundam, a fim de discernir o inimigo que se aproxima.

> *A vigilância da Igreja é idêntica à argúcia da mãe que, por amor aos seus filhos, sonda sem cessar os perigos que os circundam*

O próprio amor de mãe lhe impõe que se revista de vigilância e de energia para a defesa de seus filhos, e que se esmere em fazê-lo com toda a eficiência necessária, com todo o luxo de detalhes exigido pela situação, com toda a perfeição dos recursos ao seu alcance. No entanto, a Igreja assim procede por um exclusivo sentimento de amor, sem abrigar no seu coração, por um só instante que seja, a menor parcela de ódio contra o injusto agressor de seus filhos.

Na realidade, ela persegue esse agressor nas trevas de suas maquinações ocultas, ela o desaloja do castelo de perfídias em que ele se procura ocultar, ela o pune com soberana energia. Cumprindo esse seu dever sem o menor desfalecimento, sem a mais leve mancha de falso sentimentalismo, sem o menor recuo ditado pelo medo ou pela tolerância, ela o faz, porém, transida de dor. Porque, em lugar de ferir, de lutar, de perseguir, ela quereria abrandar, dulcificar, suavizar, salvar. E seu zelo encontrará sempre meios de manifestar seu amor ao adversário,

ainda mesmo quando vibra contra ele os mais rudes golpes.

Esta argúcia amorosa faz parte das mais autênticas tradições da Igreja. Leiam-se as atas dos concílios, as definições doutrinárias dos Pontífices, os juramentos impostos pela Igreja aos seus sacerdotes, e notaremos que foram redigidos com uma argúcia sem igual, para desmascarar o erro nas suas mais imperceptíveis e ligeiras manifestações, e para definir a verdade com uma precisão de termos tal que a Igreja cultiva como uma arte indispensável a difícil aptidão de encontrar para cada pensamento a palavra adequada, e de definir às vezes a palavra antes de empregá-la com o fito exclusivo de impedir que qualquer parcela de erro se misture com a verdade. É assim a Santa Igreja.

A graça inestimável do senso católico

Se é assim a Igreja, assim devemos ser nós. […]

Bem conhecidos os princípios errados, bem conhecidas principalmente as verdades que se opõem a estes princípios, o católico deverá adestrar seu espírito na pesquisa de todas as consequências próximas ou remotas, diretas ou indiretas, que tais princípios podem engendrar.

Isto posto, deverá ele ter uma ideia nítida, não apenas das opiniões que colidem com as verdades fundamentais expostas pelos Pontífices, mas ainda das opiniões simplesmente suspeitas de heresia. E, então, terá adquirido com o auxílio de Deus aquele senso católico que é uma das graças que mais deve ambicionar um filho da Igreja, realmente digno deste glorioso nome.

O senso católico será o farol do apóstolo leigo que queira ser verdadeiramente um pastor arguto e vigilante em união e sob as ordens da Santa Igreja de Deus. Será o senso católico que lhe fará perceber os mais ligeiros resquícios de erro, as mais dissimuladas manifestações do mal. E, coisa curiosa, esse senso católico, que é uma das graças que mais deve ambicionar, inestimavelmente útil e nobre, [lhe fará] perceber até nas pessoas, por meio de uma percepção intelectiva muito sutil, muito nítida, o hálito da impureza e da heresia. […]

Mas esta graça, penso que o Espírito Santo não a recusa aos que, para obtê-la, ofereçam a Deus, em união com Maria, uma vida casta, alimentada por preces humildes e guiada por um amor e uma confiança, sem reservas, na Santa Igreja Católica. ✧

Extraído de:
No século das heresias políticas.
In: *Legionário*. São Paulo.
Ano IX. N. 298 (29 maio, 1938); p.2

O senso católico será o farol do apóstolo leigo que queira ser um pastor arguto e vigilante, sob as ordens da Santa Igreja de Deus

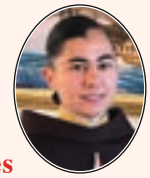
Fotos: Reprodução

"O triunfo da Igreja" - Museu Nacional do Vice-reinado, Tepozotlán (México); em destaque, Dr. Plinio no ano de 1938

Beata Isabel Canori Mora

Vidente das tribulações da Igreja

Há quem sustente que Deus apenas consola, e que o pecado nunca precisa ser punido… Não é, entretanto, o que se depreende das revelações recebidas pela Beata Isabel, em harmonia com um fluxo de profetismo neotestamentário que desemboca em Fátima.



Caroline Fugiyama Nunes

"Cidade miserável, povo ingrato! A justiça de Deus vos castigará!" "Pareceu-me, portanto, que eu via o mundo inteiro em desordem, particularmente a cidade de Roma. […] O céu se cobriu de uma névoa negra, descarregando os raios mais tremendos, que incineravam aqui e queimavam lá: a terra, não menos que o céu, estava convulsionada. Os terremotos mais horríveis, os turbilhões mais ruinosos fizeram os últimos estragos sobre a terra. Dessa forma os bons católicos foram separados dos falsos cristãos". "Ai dos religiosos e religiosas inobservantes, que desprezaram as santas regras! Ai, ai, pois todos perecerão sob o terrível flagelo".[1]

O que pensar a respeito dessas palavras? Serão predições da ciência, ficção ou invenções concebidas por alguma fértil imaginação? Não, caro leitor, são elas profecias transmitidas por Deus a uma de suas filhas mais diletas no século XVIII.

Há quem sustente, movido por um falso conceito de misericórdia, que Deus apenas consola e afaga; outros ainda pregam que o pecado nunca precisa ser punido… Entretanto, não é o que se depreende das revelações recebidas pela Beata Isabel Canori Mora. Como em tantos outros prognósticos de almas dotadas do carisma profético ao longo da História, em seus escritos sobressaem duras recriminações contra o mundo pecador, visões de terríveis e ameaçadores castigos vindouros, e invectivas de um Deus justiceiro que, irado pelos crimes cometidos contra sua Igreja, promete vingá-la, restaurá-la e glorificá-la. Trata-se de algo análogo à mensagem que, em 1917, Nossa Senhora transmitiu aos três pastorinhos em Fátima, a qual, embora possa surpreender pelo anúncio de graves punições, enche o coração católico de esperança pela previsão do triunfo do Imaculado Coração de Maria.

A Beata descreve visões de terríveis castigos vindouros, invectivas de um Deus que promete restaurar e glorificar sua Igreja

Vejamos em algumas pinceladas trechos das profecias dessa Beata e da mensagem que a Divina Justiça, por seu intermédio, quis enviar aos homens visando sua conversão.

"Eu serei o sacerdote, e tu a vítima"

Maria Isabel Cecília Canori Mora nasceu em Roma, no dia 21 de novembro de 1774. Aos doze anos fez, por ordem do Senhor, o voto de castidade. Deixando-se, porém, influenciar pela

Reprodução

Beata Isabel Canori Mora

Cúpula da Basílica de São Pedro - Vaticano

Josegmolina (CC by-sa 4.0)

família, algum tempo depois abraçou os mais mundanos costumes. Não obstante os problemas de consciência que lhe causava sua incorrespondência, contraiu núpcias com um afamado advogado de Roma, Cristóvão Mora, que se transformou desde então na cruz e no aguilhão de sua vida.

Era o amor de Deus que a perseguia, encaminhando sua vida rumo a uma dolorosa conversão. Com o auxílio da graça, ela encontrou no sofrimento o caminho para purgar seus numerosos pecados e o meio para iniciar um íntimo relacionamento com Deus.

Aos vinte e nove anos de idade, o Senhor a visitou com as primeiras experiências místicas. Isabel se tornou uma vidente das tribulações da Igreja, sendo favorecida com dons proféticos e com os estigmas da Paixão. Deus lhe mostrou, em visões sobrenaturais, as duras batalhas que a Igreja Militante teria de travar nos últimos tempos contra as forças do mal que, externamente e em seu interior, urgiam para destruí-la.

Em 1814, Isabel decidiu fazer um ato de oferecimento de sua vida, dispondo-se a tudo renunciar e a padecer em si todas as penas que o Senhor lhe quisesse enviar. Sedento de tais sacrifícios, Deus logo a colheu como vítima de amor pela Igreja e pelo Papado, encorajando-a, em duas ocasiões, com estas palavras: "Minha amada filha, oferece-te a meu Pai Celeste em favor da minha Igreja. Prometo-te minha ajuda"; "Confia nos excessos incompreensíveis de minha infinita misericórdia. Anima-te a padecer por meu amor. Estarei sempre contigo para ajudar-te e fazer-te vitoriosa sobre ti mesma. Deixo-te minha amada Mãe para que te conforte. Filha, meu amor te crucificará sobre esta cruz. Eu serei o sacerdote, e tu a vítima".

A maior tristeza da vidente era constatar o quanto a Santa Igreja era traída por aqueles que deveriam sustentá-la e defendê-la

Dolorosas aflições da Santa Igreja

As visões de Isabel são insistentes em relação a tragédias que, embora já tivessem se iniciado em seu tempo, ainda estavam por descarregar-se em sua plenitude sobre o mundo e sobre a Igreja. Foram-lhe mostradas as dolorosas aflições que a Santa Igreja teria de sofrer "daqueles que, sob o nome de bem e de vantagem, procuram arruiná-la; são eles lobos vorazes que, em pele de ovelhas, procuram sua total destruição".

A Beata percebia com clareza que, muitas vezes, os piores inimigos e perseguidores de Jesus crucificado encontravam-se na própria Igreja, conspurcando a santa fé dos Apóstolos e desviando os fiéis da Lei Divina com doutrinas nefandas; "servindo-se", dizia ela, "das mesmas palavras das Sagradas Escrituras e dos Santos Evangelhos, para perverter o reto sentido e para sustentar sua perversa malícia e suas máximas indignas".

Com grande horror, Isabel compreendeu o estado lamentável de inúmeras almas consagradas ao Senhor: "Vi os sacrilégios cometidos por tantos ministros de Deus! Vi a gula destes, o apego que têm aos bens transitórios, o esquecimento do verdadeiro culto a Deus! Vi o bem aparente, praticado com fins escusos! […] Foi-me mostrada a má administração dos santuários. Vi a grande desonra que Deus recebe de maus sacerdotes".

Sua maior tristeza consistia em constatar o quanto a Esposa Mística de Cristo era prejudicada pela infidelidade de seus ministros que, em vez de sustentá-la ao preço do próprio sangue, traíam-na, apoiando-se nas falsas máximas do mundo…

Verdadeira vítima pela Igreja, Isabel sofria profundamente com os pecados do clero e pedia a Deus com ardor:

"Descarregai sobre mim o terrível castigo, aniquilai-me, fazei de mim o que Vos aprouver; mas salvai os pobres pecadores, salvai a Igreja!" O Eterno Pai, então, vendo-a transbordar desse desejo, condescendeu em dar aos pecadores um tempo para a conversão.

O triunfo da justiça sobre a misericórdia

Nosso Senhor, entretanto, insistia em convencê-la de que as iniquidades da humanidade clamavam ao Céu: "Minha justiça está cansada de sustentar o grave peso de tantos horrores. Meu Eterno Pai já não quer aceitar os sacrifícios de suas almas escolhidas que, quais vítimas, se oferecem com rígida penitência para conter a sua irada indignação".

Dura revelação para um coração inflamado de caridade como o de Isabel! As barreiras que seus desejos de misericórdia opunham a essa afirmação fizeram-na sofrer imensamente mais que as privações e os sacrifícios com os quais torturava seu corpo para aplacar a justiça divina.

Certo dia, Deus lhe apareceu sob o aspecto de um forte guerreiro armado. "Com sua espada vingadora, estava para punir os graves ultrajes que recebe dos seus", narra a vidente. Incapaz de se comprazer diante das desgraças que estavam por abater-se sobre o mundo, Isabel sentiu iniciar-se em seu interior um terrível duelo… Afinal, a justiça triunfou sobre a misericórdia e a Beata se rendeu aos divinos anseios que lhe eram manifestados.

Terríveis castigos sobre o mundo

Igualmente impressionantes são as mensagens recebidas pela Bem-Aventurada sobre as penas reservadas ao mundo pecador. O Senhor mostrou-lhe a enormidade dos pecados que reinavam sobre a terra, a injustiça, a fraude, a libertinagem e todo tipo de iniquidades: "Meu Deus! Que dor sentiu meu pobre espírito ao ver que todos aqueles povos tinham fisionomia mais de bestas que de homens. Oh, que horror meu espírito tinha de todos esses homens tão deformados pelo vício!"

> *"O terror e o espanto deixarão todos os homens e todos os animais num estado de supremo pavor. Todo o mundo estará em convulsão"*

Assim descreve Isabel a visão que o Senhor lhe confiou: "O céu estava coberto de um azul tenebroso, e só vê-lo causava terror. […] O terror e o espanto deixarão todos os homens e todos os animais num estado de supremo pavor. Todo o mundo estará em convulsão e [os homens] matar-se-ão uns aos outros, se trucidarão mutuamente sem piedade. No tempo de sangrenta pugna, a mão vingadora de Deus pesará sobre esses infelizes e, em sua onipotência, punirá o orgulho, a temeridade e a descarada ousadia deles".

Talvez essas palavras não pareçam exageradas à vista da brutalidade das guerras contemporâneas, inimaginável na época da Beata. Na realidade, porém, elas parecem apontar para eventos diversos, ainda não contemplados pela humanidade.

De fato, é digno de nota que, segundo Isabel, os executores da justi-

Reprodução

"Destruição de Pompeia e Herculano", por John Martin - Tate Britain, Cidade de Westminster (Inglaterra)

ça divina nessa ocasião serão os próprios demônios e seres infernais que procuram destruir sua Igreja.

Aurora do triunfo e da glorificação

Ora, uma vez encerrado esse período em que se manifestará a santíssima cólera de Deus como nunca, Isabel relata que o castigo cederá lugar a uma feliz e universal restauração da ordem e da virtude. Com efeito, mesmo em sua mais implacável justiça, a Providência sempre tem como objetivo promover o bem e fazer reinar a santidade. Além disso, Ela não deixará de premiar com uma era de graça e santidade o pequeno número de seus eleitos que se mantiverem fiéis durante a grande purificação do mundo.

As palavras divinas dirigidas à Beata Isabel são muito claras e carregadas de esperança: "Mandarei zelosos sacerdotes a pregar minha Fé, formarei um novo apostolado, enviarei meu Divino Espírito para renovar a terra. […] Darei um novo pastor à minha Igreja, douto e santo, repleto do meu espírito; com seu santo zelo, reformará a grei de Jesus Cristo".

Ao receber essas revelações e compreender a imperiosa necessidade do castigo para que elas se cumprissem plenamente, Isabel passou a amar com maior profundidade as sábias disposições de Deus. Assim relata ela a respeito dos efeitos da punição divina: "Tendo feito isso, parecia-me que o mundo inteiro respirasse em paz, e que por meio de homens cultos e santos se restabelecesse uma ordem justa sobre a terra, para a suprema glória de Deus e honra de nossa Santa Igreja Católica. Parecia-me que os pecados cessaram e que se fazia verdadeira penitência em todos os lugares. Parecia-me que reinava a paz, reinava a justiça; a Fé de Jesus Cristo triunfava em toda parte e tornava os homens seguidores do Santo Evangelho".

Purificada e restaurada, a Esposa Mística de Cristo irradiará sua santidade sobre os povos: "Toda a Igreja foi reordenada de acordo com os verdadeiros ditames do Santo Evangelho, se restabeleceram as Ordens Religiosas, e todas as casas cristãs se tornaram outras casas religiosas; tal era o fervor, o zelo pela glória de Deus, que tudo foi ordenado em função do amor a Deus e ao próximo. Dessa forma, verificou-se em um momento o triunfo, a glória, a honra da Igreja Católica: por todos foi aclamada, por todos estimada, por todos venerada; todos decidiram segui-la, reconhecendo o Vigário de Cristo, o Sumo Pontífice".

Não parece brilhar nessas palavras o anúncio profético de Maria Santíssima em Fátima: "Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará"?

"Tempus faciendi!"

Analisando a História com atenção, desde os tempos da Beata Isabel Canori Mora até os dias atuais, não podemos afirmar que suas revelações já tenham se cumprido por inteiro. Ao mesmo tempo, é inegável que os pecados e calamidades previstos por ela têm se confirmado de forma crescente, e em escala global. Não será lícito e até mesmo sensato esperar, portanto, que a intervenção de Deus esteja próxima e que Ele espere de seus filhos passos decisivos rumo à conversão dos corações?

> *Por fim restaurada, a Esposa Mística de Cristo reinará triunfante sobre todos os povos, como predisse Nossa Senhora em Fátima*

Se a resposta a essas indagações for afirmativa, imploremos à Virgem Maria e a seu Filho Santíssimo que nos concedam fazer parte do número dos que, mesmo em meio às mais terríveis convulsões, verão nestas a mão misericordiosa de Deus velando pelo bem da humanidade, de forma a permanecerem fiéis à Santa Madre Igreja e lutarem com afinco por seu triunfo! ✧

---

[1] Todas as citações das profecias da Beata Isabel Canori Mora foram extraídas da obra: BEATA ISABEL CANORI MORA. *La mia vita nel Cuore della Trinità. Diario della Beata Elisabetta Canori Mora, sposa e madre*. Città del Vaticano: LEV, 1996.

À direita, Nossa Senhora de Fátima

Arquivo Revista

Sumário

Uma lição de vida através de Santa Catarina de Sena

Hoje a ideia de verdade foi substituída pela de mudança, de progresso, de consenso… é a pessoa que "cria" a verdade e estabelece o que é verdadeiro e o que é falso, o que é bom e o que é mau.

Pe. Bruno Esposito, OP

Comecemos por uma anedota… que não é tanto assim.

Certo dia um indivíduo entrou na rodovia italiana A-1 com seu possante Maserati, ligou o rádio pouco tempo depois, sintonizou o noticiário do dia e ouviu atônito estas agitadas palavras do locutor: "Prestem muita atenção na rodovia A-1, porque um louco corre na contramão por uma das faixas!" O indivíduo levantou os olhos e exclamou enfurecido: "Um?… Mas são milhares!"

Parece-me que esta velha anedota ilustra bem o contexto no qual vivemos, confirmando ao mesmo tempo – infelizmente – como muitas vezes a realidade supera de longe a fantasia: fazemos cada vez mais escolhas subjetivas que não levam em conta os demais, a criação, o nosso entorno; e se os outros não as aceitam, são estes os complicados que não nos compreendem, em suma, que são "loucos"!

De fato, cedo ou tarde qualquer pessoa vivencia atitudes e comportamentos oriundos de um patológico egocentrismo e egoísmo, dos quais, na maioria das vezes, ela nem sequer tem consciência; mas que são, ao contrário, sentidos como justas manifestações de uma equivocada "sacrossanta liberdade" de querer fazer o que lhe apraz, rejeitando regras e normas de comportamento que, não obstante, são de si adequadas – e não poderiam deixar de sê-lo – para o bem de todos.

Tais regras são, portanto, entendidas como indébitas limitações dos seus direitos, a menos que, assim agindo, se imponham aos outros os próprios interesses individualistas, as próprias regras. Basta pensar naqueles que desempenham qualquer papel na sociedade, do mais humilde ao mais importante, e usam sua posição para ditar leis aos demais, procurando sobressair-se a ponto de subjugar e humilhar os outros, em vez de serem agradecidos por ter a possibilidade de ser-lhes úteis em algo (cf. Fl 2, 3-5).

> *O egocentrismo patológico que vigora na sociedade em nossos dias é erroneamente considerado como uma manifestação de liberdade*

Poder-se-iam multiplicar os exemplos em todos os âmbitos e em todos os tipos e níveis de relações, mas prefiro deixar ao leitor o trabalho de fazer o elenco… Sem dúvida algum novo Freud ou Jung teria muito a diagnosticar! De onde – obviamente, sem julgar as intenções – registra-se a multiplicação de comportamentos, paroxísticos nos jovens e que vão muito além da simples falta de educação, que menosprezam absolutamente a dignidade e o respeito devidos ao próximo e a comum dignidade humana, patrimônio de todos e não privilégio de alguns.

Sobretudo, apresentando aqueles que procuram observar as normas – o que nada mais é que atenção e

wirestock/Freepik

respeito aos demais, ou a determinados lugares e tempos – como "intolerantes" e "rígidos" que lesam minha liberdade de fazer o que quero, não se preocupando de que esta liberdade pode prejudicar alguém. Dizendo isto, obviamente não pretendemos aprovar a concepção kantiana de liberdade, já inscrita no DNA da cultura moderna, ou seja, que minha liberdade acaba onde começa a do outro, pois esta concepção, respeitosa e compreensiva à primeira vista, na realidade limita a dignidade da liberdade humana.

Com efeito o homem pode, pela sua natureza racional e social, ser verdadeiramente livre com e para os outros. Por esses motivos, penso que cada um – a começar por quem escreve – deve fazer um sério exame de consciência cotidiano, tendo em vista a regra de ouro que Cristo nos deixou: "Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles. Esta é a lei e os profetas" (Mt 7, 12), para evitar – como ocorre cada vez mais frequentemente – de ser, na realidade, déspotas e de reivindicar ou até mesmo culpar os outros por aquilo que lhes foi negado.

Continuemos com uma breve análise

A bem dizer a modernidade, e em particular o nosso tempo, distingue-se do passado por uma harmonização cada vez mais difícil, até chegar a uma clara contraposição, entre a centralidade da própria pessoa e da outra, e o respeito – e não a tolerância, uma vez que se tolera sempre um mal… – do pluralismo cultural e ético que desemboca, amiúde e voluntariamente, num autêntico e peculiar relativismo. Crê-se habitualmente, sobretudo em alguns ambientes eclesiásticos, que os verdadeiros problemas de hoje são o relativismo cultural e o pluralismo ético; estudando, porém, mais atentamente a questão, vê-se que estes são apenas os efeitos.

> *A cultura hodierna tenta convencer-nos de que a consciência é mero subjetivismo e de que a verdade se alicerça num genuíno relativismo*

O verdadeiro problema é a sempre mais absoluta e intransigente afirmação de uma subjetividade individualista que se traduz sempre mais em subjetivismo ético. Deste último decorre o relativismo nas avaliações e o fundamentalismo que não toma em consideração o outro. Quem proclama, como fazemos todos nós, que é necessário reafirmar a centralidade da pessoa e o respeito a ela devido, deve também levantar o problema e considerar como cada pessoa elabora subjetivamente essa centralidade, com o real perigo de convencer-se da "sua verdade" e dos "seus valores".

Portanto, há nessa busca o risco, confirmado pela realidade, de

terminar num autêntico e peculiar relativismo ético que na verdade mina a natureza social do homem. Este é, então, o verdadeiro perigo! Repetição do pecado original que não se conforma em ser mera criatura e cai na ilusão de tornar-se criadora de si mesma (cf. Gn 3, 5), que não aceita a objetividade de uma natureza criada por Deus, com suas regras e exigências intrínsecas que não é possível mudar a não ser encontrando outra natureza e olvidando a advertência do profeta: "Poderá talvez um vaso de argila discutir com quem o plasmou? Perguntará talvez a argila ao oleiro: 'O que fazes?' Ou: 'Tua obra não tem asas?'" (Is 45, 9; cf. Jr 18, 6).

De fato, os nefastos e devastadores efeitos que registramos em todos os níveis e em todos os ambientes sociais não derivam tanto do pluralismo ético e religioso, mas de uma subjetividade concebida como absoluta e infinita que se torna um subjetivismo ético, prisioneiro de seu ego, que frusta ou instrumentaliza todo tipo de relação. Chegando, assim, quase a querer justificar o absurdo: o homem, ser finito, pretende ter uma liberdade infinita!

Por isso, já que se afirma a centralidade da pessoa, sua primazia, devemos considerar também a que pode ela conduzir, sobretudo quando não é corretamente apresentada ou não se toma em consideração como poderá ser ela entendida pela maioria das pessoas. Esta centralidade da pessoa pode conduzir ao fato de que qualquer indivíduo elabore em sua subjetividade interna um tipo de procura e de escolha ética de modo meramente autorreferencial e sem qualquer confrontação com as verdades objetivas, tanto no âmbito da razão quanto no da fé.

O real problema é a intransigente afirmação de uma subjetividade individualista, pela qual cada um afirma a sua própria "verdade"

Assim, no fim das contas é a pessoa individual que "cria" a verdade, que estabelece o que é verdadeiro e o que é falso, o que é bom e o que é mau, o que é justo e o que iníquo, o que é conforme o Direito e o que é arbitrário. E como o espírito humano vive no tempo, a verdade que ele estabelece varia com o tempo e as circunstâncias, afirmando de fato a primazia não só do relativismo, mas forçosamente também a do historicismo.

Com efeito, hoje a ideia de verdade foi substituída pela de mudança, de progresso, de consenso, de desejo, de sentimento, de emoção. A convicção de que é impossível à pessoa chegar à verdade, a negação de que esta é objetiva e constitui um termo de comparação ineludível, conduz, na prática e em todos os âmbitos, a não prestar atenção no conteúdo e a limitar-se à realização técnica e às meras formalidades.

A cultura ora dominante tenta inexoravelmente convencer-nos de que a consciência é mero subjetivismo, e de que a verdade se alicerça num genuíno e peculiar relativismo, só para depois lidar com o produto final do fundamentalismo e de seus inevitáveis conflitos! Assim, o tema da consciência moral, hoje mais do que nunca, está sujeito a equívocos e deformações, até chegar a autênticas caricaturas e instrumentalizações ideológicas.

Francisco Lecaros

"Rouget de Lisle cantando a Marseillaise", por Isidore Pils - Museu de Belas Artes, Strasbourg (França)

Na cultura contemporânea tudo tende a ser cada vez mais "subjetivo", no sentido de liberdade de arbítrio, entendida como absoluta: faço o que quero, o que sinto, o que desejo, o que me dá "bem-estar", esquecendo, contudo, de que isto é diferente do verdadeiro bem – uma droga produz certamente bem-estar num determinado momento, mas é o bem daquela pessoa? Convém, portanto, recordar e fazer compreender que esse "subjetivo" é a expressão de uma pessoa com uma natureza que ela recebeu – e que, em todo caso, não foi dada por si mesma – com características e exigências próprias que não permitem o "subjetivismo", a não ser a um alto preço, para os indivíduos e a comunidade.

Em outros termos, deve-se assinalar que cada pessoa não é e não pode sentir-se "lei para si mesma", e ao mesmo tempo, portanto, não pode comportar-se com aspirações infinitas e absolutas que se contrapõem às dos outros, fechando-se em si mesma como uma autêntica mônada. Assim, o verdadeiro problema hoje não é tanto reafirmar a centralidade da pessoa, mas perguntar: como pode cada qual acompanhar e incrementar sua subjetividade de modo que respeite a própria dignidade e a dos outros?

Santa Catarina de Sena, por Pascual Pérez - Museu de Arte Sacra de Santa Mônica, Puebla (México)

Concluamos com a Santa de Fontebranda

Sem dúvida, podemos encontrar uma resposta no ensinamento revelado por Nosso Senhor a Santa Catarina de Sena e, através dela, a cada um de nós. Consiste esta numa simples mas eloquente e instrutiva verdade que seu biógrafo nos transmitiu: "Tu és aquela que não é; Eu, pelo contrário, sou Aquele que sou".[1] Encontramos esta verdade reiterada no Antigo e no Novo Testamento (cf. Ex 3, 14; Jo 18, 6). Nós somos porque Deus nos chamou à existência e nos confiou um projeto a realizar, equipando-nos de todo o necessário para sua execução. É por isso que o Apóstolo nos convida a perguntar: "O que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o tivesses recebido?" (I Cor 4, 7).

> *O ensinamento revelado por Nosso Senhor a Santa Catarina de Sena traz a resposta: "Tu és aquela que não é; Eu sou Aquele que sou"*

Portanto, sem Ele nada somos e nada podemos (cf. Jo 15, 5). Cada dia, cada hora, cada minuto é um dom de Deus que nos mantém na existência e nos possibilita agir em todo momento: tu és aquela que não é, e tudo é dom de Deus; viveremos realmente se cada um agir "conforme a graça recebida, pondo-a a serviço dos outros, como bons administradores da multiforme graça de Deus" (cf. I Pd 4, 10), tendo presente que se exige dos administradores apenas que sejam fiéis (cf. I Cor 4, 2).

Meditemos nestas profundas verdades e roguemos ao Senhor, por intercessão de Santa Catarina, que nos conceda a capacidade de traduzi-las na vida cotidiana, a fim de que as relações entre nós sejam conformes à sublime natureza que nos foi concedida e, portanto, mais humanas e incontaminadas daquele delírio de onipotência que só conduz a conflitos e à tremenda egoística solidão que nenhum "aturdimento" poderá jamais superar.

Porque podemos certamente fazer muitas coisas, mas nem todas são úteis para nosso autêntico bem (cf. I Cor 10, 23) e, sobretudo, nenhum "substituto" e nenhuma "compensação" poderá jamais sufocar nossa vocação ao verdadeiro Amor. "Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mc 4, 23). ✧

---

[1] BEATO RAIMUNDO DE CÁPUA. *Santa Catalina de Siena*. L.I, c.10. Barcelona: La Hormiga de Oro, 1993, p.113.

Eric Salas

Lourdes: uma promessa

A fonte da gruta de Massabielle é bem a imagem do manancial de graças mariais que está por inundar a terra, com vistas ao estabelecimento do reinado de Maria.

Miguel de Souza Ferrari

Há certas palavras que, uma vez pronunciadas, são como um raio de luz na mais densa escuridão, que por si só produzem consolo e esperança. *Lourdes* é uma delas.

Quando ouvimos esse nome, logo nos vem à mente a cena da procissão das velas, da bendita gruta de Massabielle e da imagem que lá se encontra, ou das magníficas basílicas dedicadas à Mãe de Deus. Impossível não se lembrar das águas que manam abundantemente aos pés d'Ela, e que tanto benefício físico e espiritual trazem a inúmeros fiéis. De fato, "Lourdes é um daqueles lugares que Deus escolheu para nele fazer resplandecer um raio particular da sua beleza".[1]

Qual o alcance de Lourdes?

Ao pensar nesse quadro, ao mesmo tempo tão magnífico e tão singelo, podemos indagar sobre as razões que teriam levado Deus a escolhê-lo para tornar-se um dos maiores centros de peregrinação do mundo, uma espécie de Santa Casa de Misericórdia aberta para todos, onde inúmeros doentes obtêm a cura, pecadores se convertem, aflitos encontram consolação, onde, enfim, uma fonte de luz e de graça se derrama sobre os que para lá se dirigem com um mínimo de devoção, e até sobre aqueles que chegam movidos por simples curiosidade.

A resposta se torna ainda mais difícil se recordamos a parcimônia do discurso de Nossa Senhora durante suas manifestações na gruta. É curioso, mas em geral a Virgem parece tão mais parca em palavras quanto mais sua mensagem está destinada a ser universalmente conhecida.

Lourdes não escapa a essa regra. Se não fosse absurdo, quase diríamos que a Rainha do Céu se tomou de timidez ao ver-Se surpreendida pelas multidões em seu *tête-à-tête* com a cândida e humilde Bernadette Soubirous; deduziríamos que aquela publicidade A incomodava, por forçá-La a entreter uma audiência maior do que a planejada.

Obviamente, a verdade é diversa. Sabemos que o carisma da profecia se manifesta de formas variadas. Não devemos limitá-lo ao discurso, pois até mesmo as ações e os movimentos do profeta podem carregar uma mensagem (cf. Ez 37, 15-28; Jr 13). E quando meditamos em Lourdes enquanto símbolo e gesto profético, algo do mistério começa a despontar em toda a sua estatura.

Uma resposta aos problemas de seu tempo

O contexto das aparições de Maria Imaculada a Santa Bernadette indica sua universalidade. As perseguições religiosas, as guerras e as comoções por que tinha passado a filha primogênita da Igreja a partir da Revolução Francesa abalaram profundamente o Catolicismo que outrora reinara nessa nação, influenciando os demais povos europeus. O mundo caía nas profundas trevas do ateísmo, do racionalismo e do subjetivismo.

Nesse momento a Santíssima Virgem decide aparecer num lugarejo quase desconhecido da França, a uma jovenzinha simples e ignorante, a fim de que dali fluísse um caudal de graças e de prodígios impensáveis e inexplicáveis a não ser pela fé.

Nossa Senhora veio para transmitir ao mundo uma mensagem de oração, de penitência e de conversão, e em seus fiéis devotos, especialmente, quis incutir ânimo e amor ao sacrifício, como bem indica uma das primeiras frases que Ela disse à vidente: "Não prometo lhe fazer feliz neste mundo, mas no outro".

Um mero fenômeno histórico?

Contudo, podemos nos perguntar se essa esteira de graças é como o brilho das estrelas que contemplamos no firmamento durante a noite, as quais se originaram há milhões de anos e chegam até nós como um tênue testemunho de algo ocorrido num astro que

talvez já nem exista. Em outros termos, será que as bênçãos de Lourdes constituem apenas emanações póstumas do passado, que tendem a diminuir com o tempo até extinguir-se por completo?

Para eliminar uma densa escuridão, intensíssima deve ser a luz. Se Maria ali derramou tantas graças aos homens nos séculos XIX e XX, como uma forma de remédio para o pecado, quanto mais não derramará em nossos dias, nos quais as doenças espirituais e as debilidades morais têm atingido paroxismos impensáveis? Quando as trevas do pecado cobrem a terra como um manto negro, Aquela que é cantada pela Escritura como uma "Mulher revestida do sol" (Ap 12, 1) não fará brilhar sua luz ao mundo inteiro com mais intensidade, se Ela mesma prometeu para o futuro uma era luminosa, em que seu Imaculado Coração triunfará?

No dia 16 de julho de 1858, Bernadette atendeu novamente ao misterioso chamado da gruta; seria a última vez. Lá chegando, verificou que o acesso a Massabielle se encontrava interditado. Por essa razão, teve de contentar-se em olhar de longe, do outro lado do Gave. Dir-se-ia que tal circunstância era um indício de afastamento, de ocaso. Entretanto, as palavras da vidente revelam o contrário: "Parecia-me que eu estava diante da gruta, à mesma distância das outras vezes; eu via somente a Virgem, jamais A vi tão bela!"

No momento em que Maria Santíssima poderia parecer distante, Ela Se apresentou em todo o seu fulgor e com muita proximidade. Não se tratava de uma despedida, mas de uma promessa.

Assim, não resulta pretensioso afirmar que a luz vinda de Lourdes até nós procede, na verdade, do futuro, como esperança de novas graças que Maria Santíssima deseja derramar sobre seus filhos.

Uma fonte nascida do lodo

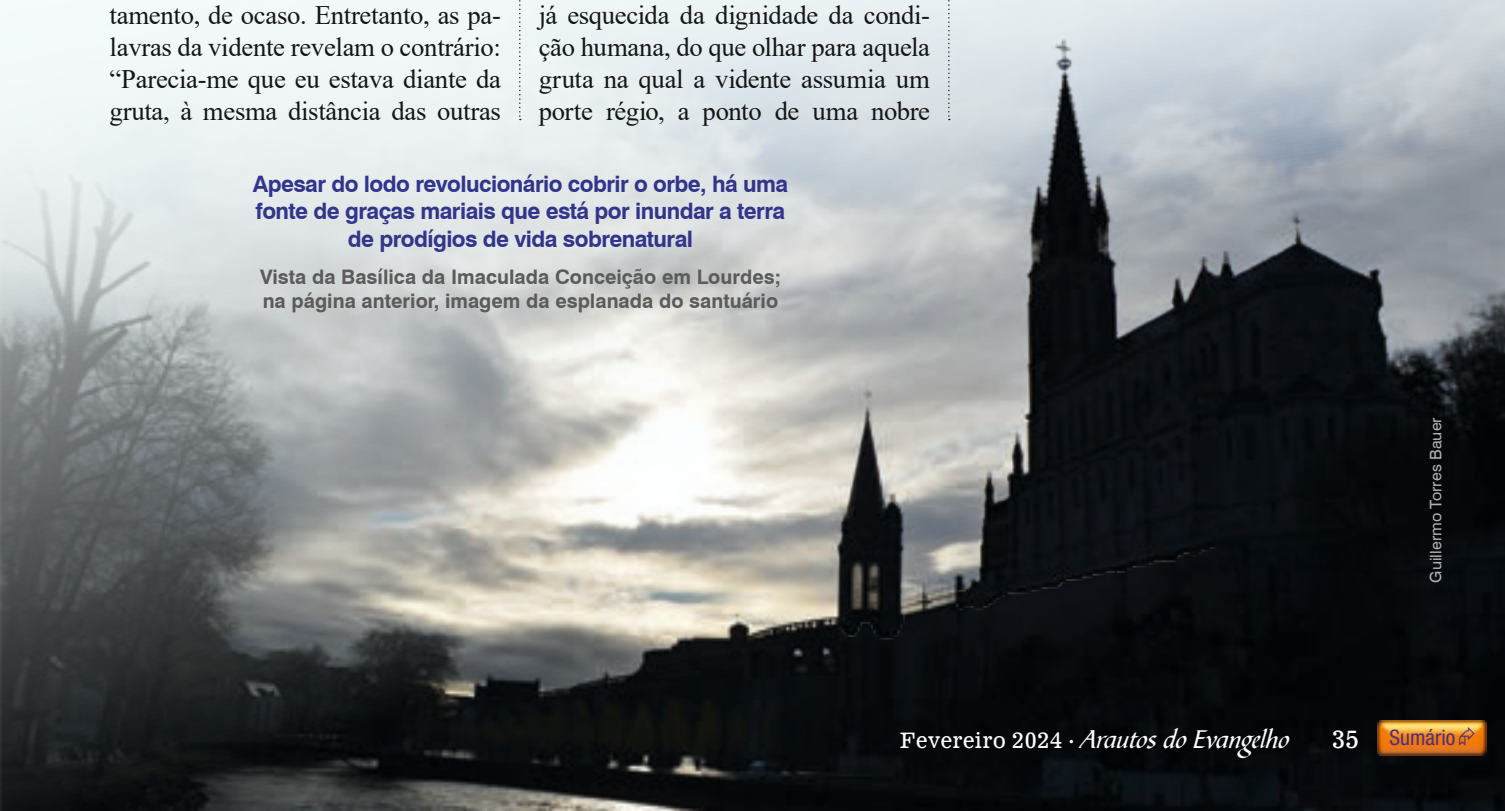
Como Mãe solícita, Nossa Senhora sabe dar o remédio adequado a cada doença. E quanto mais grave a ferida, tanto mais poderoso é o unguento preparado. Quem melhor para curar uma geração devastada por tantos distúrbios nervosos e por tantas doenças físicas do que a Santa Taumaturga de Massabielle? Quem melhor para sarar uma humanidade carente do que a bondosa Senhora que aparecia tão meiga e afável para a pequena Bernadette?

Além disso, o que haveria de melhor para restaurar uma sociedade tão alquebrada pelo igualitarismo e já esquecida da dignidade da condição humana, do que olhar para aquela gruta na qual a vidente assumia um porte régio, a ponto de uma nobre francesa haver declarado que jamais conhecera uma moça da aristocracia com tanto charme e grandeza quanto a camponesa Bernadette enquanto privava com a Rainha do Céu? E o que de mais apropriado para infundir o senso da fé numa sociedade tão ateia do que seguir o exemplo de piedade dado por essa jovenzinha, que com tanta devoção rezava seu Rosário aos pés da Mãe de Deus e que pelo simples fato de persignar-se produzia conversões?

O conhecido episódio de Santa Bernadette cavando a terra lamacenta a fim de extrair um pouco de água para beber parece ser um bom exemplo do que Nossa Senhora deseja fazer com a humanidade: apesar de o lodo da Revolução cobrir o orbe, há uma fonte de graças mariais – ou seja, graças exclusivas da Santíssima Virgem, mas que Ela deseja compartilhar com seus filhos – que está por inundar a terra e que fará com que seu reinado se estabeleça, manifestando aos homens prodígios de vida sobrenatural até agora inconcebíveis. ✧

---

[1] BENTO XVI. *Homilia*, 13/9/2008.



Apesar do lodo revolucionário cobrir o orbe, há uma fonte de graças mariais que está por inundar a terra de prodígios de vida sobrenatural

Vista da Basílica da Imaculada Conceição em Lourdes; na página anterior, imagem da esplanada do santuário

Guillermo Torres Bauer

Mãe que vela pela saúde do corpo e da alma

Onde está sempre uma boa mãe? Sem dúvida, onde o filho reclama sua presença, onde as dificuldades assolam sua alma, onde há problemas que só o discernimento materno poderá solucionar.

Elizabete Fátima Talarico Astorino

Mãe é a pessoa a quem clamamos, desde a mais tenra infância, para vencer qualquer dificuldade. Não há quem não tenha passado, ao longo da vida, por provas e complicações que só o bom coração materno soube compreender e resolver.

Os relatos apresentados nesta edição mostram-nos Dona Lucilia como mãe que vela por seus filhos em qualquer situação: desde problemas no repouso noturno até a cura de uma doença crônica.

> *Ao partir para o Brasil, Da. Ligia carregava duas cruzes que lhe afligiam e faziam empreender com temor essa viagem*

Vejamos, pois, a solicitude desta boníssima mãe e peçamos que ela acolha também a nós no número de seus filhos necessitados.

Uma viagem marcada pela dor

Da. Ligia María Rojas Zúñiga, da Costa Rica, narra dois favores obtidas por Nossa Senhora do Carmo, graças também à intercessão de Dona Lucilia, que atendeu de modo superabundante às suas orações.

Cooperadora dos Arautos do Evangelho em seu país, Da. Ligia veio ao Brasil em julho de 2022 para participar do congresso internacional que se realiza todos os anos. Contudo, carregava duas cruzes que lhe afligiam o espírito e faziam empreender com temor essa viagem. Acompanhemos seu relato:

Reprodução

Da. Ligia (ao lado da imagem de São José) com os cooperadores da Costa Rica, em visita a uma das casas dos Arautos em São Paulo

"Eu tinha uma lesão grave em meu pé direito, devida a problemas de má circulação sanguínea, da qual sofro desde o ano 2000. Ela havia já sido tratada em várias ocasiões; por força dos curativos, a ferida se fechava, mas depois reabria. Quando comuniquei ao médico que faria uma viagem ao Brasil, ele tentou dissuadir-me, porque um voo de várias horas em grande altitude era perigoso para qualquer pessoa em minhas condições. Entretanto, disse-lhe que já tinha tudo preparado e que faria a viagem sob minha própria responsabilidade.

"Nas vésperas da partida, a enfermeira fez um curativo na ferida, pôs uma bandagem e me instruiu a não retirá-la enquanto estivesse fora do país.

"Ciente do risco da viagem e do possível impacto que ela poderia causar-me, roguei a Dona Lucilia, nossa mãe, que intercedesse por mim. Durante as horas de voo, pedi a ela e a Nossa Senhora para que tudo corresse bem durante a viagem e no retorno para casa".

Uma cura espiritual…

Da. Ligia chegou bem disposta ao Brasil e pôde acompanhar a programação do grupo de cooperadores em São Paulo. Durante a visita à Casa Monte Carmelo – do setor feminino –, sentiu o auxílio de Dona Lucilia e, por sua intercessão, o de Nossa Senhora do Carmo, curando-a de um profundo pesar que ela sentia em seu íntimo.

Ao entrar na igreja, foi tomada de grande emoção. E ocorreu-lhe logo uma súplica: "Dona Lucilia, minha mãe, por favor, não me deixes!" Voltou-se para o altar, no qual se encontra uma imagem de Nossa Senhora do Carmo, fitou-a e disse consigo mesma: "Não quero regressar tal como cheguei".

Continua ela: "Nesse momento, meu pedido era exclusivamente espiritual. Durante muito tempo, carreguei uma dor em meu coração. Especificamente, desde 2016 – quando fiz o curso de consagração conforme o método de São Luís Maria Grignion de Montfort – vinha meditando sobre o fundo mau existente em cada pessoa humana. Tentei várias vezes falar a este respeito com um sacerdote, mas nenhum deles entendeu minha situação, ou talvez eu não tenha conseguido explicar o que sentia".

Fotos: Reprodução

Altar da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Caieiras (Brasil); em destaque, rosa recolhida por Da. Ligia

A rosa desprendeu-se do arranjo e caiu sobre o altar; pela intercessão de Dona Lucilia, iniciava-se a cura física e espiritual de Da. Ligia

Opressa pela angústia, Da. Ligia rogou à Senhora do Carmo auxílio para si e sua família, e chorou até sentir-se aliviada. Notou então que uma rosa do arranjo floral que ornava a imagem desprendeu-se e caiu sobre o altar. Pediu a uma irmã que lá estava o favor de dar-lhe aquela rosa. Ela lha entregou dizendo: "A Virgem Maria tem grandes coisas para a senhora".

…e outra corporal

Profundamente comovida, Da. Ligia visitou naquele dia outras igrejas e casas dos Arautos. Prossegue ela sua narração: "No dia seguinte, 21 de julho, quando se iniciava o congresso, lembrei-me das orientações do médico e, como sentia pontadas no pé, pedi a Nossa Senhora que me concedesse a graça de voltar à Costa Rica sem ter necessidade de recorrer a auxílio médico. Tomei uma pétala da rosa e a coloquei entre as bandagens. Confiando em Nossa Senhora, parti para a sessão inaugural do congresso, e não senti mais incômodo.

"No sábado, tive outra surpresa: encontrei-me com um sacerdote arauto que não pudera atender-me quando esteve na Costa Rica, mas que se dispunha então a conversar comigo, aproveitando um intervalo entre as sessões do congresso. Foi uma oportunidade maravilhosa! No entanto, quando quis contar-lhe aquilo que tanto me amargurava, dei-me conta de que a Virgem já havia levado toda a minha tristeza de tanto tempo: eu não tinha mais nada a dizer, a dor íntima desaparecera.

"No domingo à tarde, comecei a sentir como se algo me aguilhoasse o pé. À noite, estava desejosa de tirar a bandagem, mas tinha medo. Na segunda-feira, comprei o material necessário e me dispus a fazer um novo curativo. Ao retirar a bandagem, porém, notei com surpresa que a ferida aberta do pé estava seca. A superfície

Fotos: Reprodução

Os pesadelos se tornaram frequentes, a ponto de Da. Susan temer a chegada da noite; foi então que se lembrou de Dona Lucilia

Da. Susan Alzamora com a estampa de Dona Lucilia que havia ganhado, a qual está reproduzida ao lado

estava avermelhada, mas nada havia de líquido ou fluído.

"Quando retornei à Costa Rica, minha família e meus amigos notaram em mim algo diferente. De fato, durante a viagem havia sido curada de dois males: o do coração e o da má circulação sanguínea, da qual sofria há vinte e dois anos. O meu médico confirmou o 'milagre', depois de examinar minha perna e comprovar que a ferida havia se fechado e cicatrizado."

Assim conclui Da. Ligia seu relato: "Encontro-me agora saudável, um ano depois de tudo o que aconteceu. Desde então, agradeço infinitamente a Dona Lucilia e a Nossa Senhora por terem permitido que a rosa caísse, por terem me inspirado a pôr a pétala na gaze, por terem mediado para que Deus manifestasse sua glória e me curasse física e espiritualmente".

Pesadelos e ação preternatural

Há certas provações que nos acompanham desde a infância, e que só podem ser superadas com o auxílio sobrenatural.

Talvez nada seja mais difícil para uma criança do que enfrentar o medo do escuro e os assaltos dos pesadelos noturnos. Isso que para alguns pode ser algo insignificante, para outros torna-se motivo de grande apreensão. É o caso de Da. Susan Alzamora, do Peru, para quem Dona Lucilia se tornou um luminoso lenitivo.

"Desde criança", relata ela, "eu tinha pesadelos e muito medo do escuro. A tal ponto que havia noites nas quais via-me obrigada a dormir no quarto de meus pais, e só conseguia conciliar o sono sentindo-me protegida por eles. Minha mãe ensinou-me que, depois de cada pesadelo ou sonho desagradável, a primeira coisa que eu devia fazer era rezar. Por sua vez, as palavras de conforto de meu pai eram: 'Fique tranquila, estamos com você, não tenha medo'.

"Com o passar dos anos, os pesadelos tornaram-se mais intensos, deixavam-me imobilizada, sentia como se algo me esmagasse o peito. A única coisa que podia fazer era abrir os olhos, não conseguia mover-me. Comentei o fato com uma senhora que nos ajudava em casa, e ela me disse: 'Medrosinha, quando lhe acontecer isso, berre com eles, insulte-os, e verá como a deixarão em paz'. Segui a sugestão, mas sem qualquer resultado. Passava o tempo e nada melhorava. Ao despertar-me, sentia-me cansada, esgotada e fraca.

"Quando terminei o curso universitário, decidi prosseguir meus estudos em Lima, onde também podia trabalhar. Em certo momento, pensei que essa mudança me ajudaria muito, mas nada melhorou. Continuaram os pesadelos, aliás, mais conhecidos como paralisia do sono.

"Alguns meses depois fui convidada a fazer o curso de consagração a Nossa Senhora, e me inscrevi. Em contato com os Arautos, tomei conhecimento de Dona Lucilia, mas nessa ocasião não pedi sua intercessão".

Logo após uma oração a Dona Lucilia, o fim dos pesadelos

A Providência tem suas horas para intervir e, muitas vezes, elas soam no momento em que as dificuldades atingem seu auge. Assim ocorreu com Da. Susan.

Continua ela sua narração: "No início deste ano, os pesadelos tornaram-se muito frequentes, a ponto de eu temer a chegada da noite. Lembrei-me, então, de que uma senhora muito gentil me dera de presente uma estampa de Dona Lucilia, com uma pétala de rosa retirada de seu túmulo. Coloquei-a sobre meu peito, dizendo: 'Dona Lucilia, minha mãezinha, ajudai-me a repousar, protegei-me em meus sonhos e defendei-me de todo mal'.

"Naquele instante, senti a mesma paz, a mesma proteção que sentia quando, ainda menina, meus pais velavam por mim durante o sono. Pude então descansar tranquilamente e, desde aquela noite, passei a dormir protegida pela estampa de Dona Lucilia. Nunca me deito sem ter sobre meu peito a sua estampa e pedir sua proteção."

Desse modo, Dona Lucilia se tornou para Da. Susan alguém que, do Céu, vela por seu descanso. Qual é a boa mãe que não faria isso por seu filho?

De antipatizante a devoto… uma intervenção singular

Da cidade de Cuenca, Equador, Da. Marisol Espinoza Orellana enviou-nos o relato de uma bela intervenção de Dona Lucilia em sua família, com aquela suave ação que supera antipatias, rompe as barreiras mais obstinadas no íntimo dos corações e une as almas em torno da chama viva da fé. Conheçamos o que ela escreve:

"Frequento há cerca de nove ou dez anos as Missas e as atividades dos Arautos do Evangelho em Cuenca, uma vez que meus filhos, em diversas ocasiões, participaram de seu apostolado.

"Desde então sou devota de Dona Lucilia, mas meu marido não compartilhava desta minha devoção. Pelo contrário, quando eu a invocava com uma jaculatória, depois de cada mistério do Santo Rosário, ele dizia: 'Quem é essa senhora? Por que você reza tanto a ela?' E zombava de minha piedade, fazia gracejos ou mostrava-se irônico.

"Um dia, eu ouvia em meu quarto o programa dos Arautos no YouTube, *Boa noite com Maria*, no qual se comentava um 'milagre' operado pela intercessão de Dona Lucilia para auxiliar uma pessoa em suas necessidades econômicas. Nesse instante meu marido, que também estava ali e escutava, disse: 'Façamos uma novena em honra a Dona Lucilia'. Eu não podia acreditar no que ele dizia, já que sempre zombava de minha devoção…"

Auxílio rápido e abundante

Narra Da. Marisol: "Começamos então uma novena ao Sagrado Coração de Jesus, pedindo a intercessão de Dona Lucilia, que era muito devota d'Ele. Uma semana antes, meu marido tinha ido ao banco pedir informação sobre um empréstimo por meio do cartão de crédito, para as despesas do primeiro ano de universidade de nossa filha. E lá constatou que o limite máximo do empréstimo era insuficiente para essas despesas. Ficamos um tanto preocupados.

"No dia seguinte àquele em que começamos a novena ao Sagrado Coração por intermédio de Dona Lucilia, voltamos ao banco para efetuar o empréstimo e, contrariamente ao que nos tinham informado na semana anterior, deram-nos muito mais do que o mencionado limite máximo. Imediatamente meu marido disse-me: É incrível o 'milagre' de Dona Lucilia!"

E Da. Marisol encerra seu relato manifestando muita gratidão à sua benfeitora: "A partir daí meu marido não para de rezar novenas a Dona Lucilia e a Nossa Senhora. Apenas termina uma, já começa outra… o que ele nunca tinha feito antes. Para mim Dona Lucilia já é uma santa, e queremos que ela seja reconhecida como tal no mundo inteiro, a fim de interceder por todos. Por isso, apresso-me em compartilhar esses favores que ela nos dispensou". ✧

O pronto auxílio em uma dificuldade financeira rompeu as barreiras que o afastavam da devoção àquela bondosa senhora

Reprodução

Da. Marisol e seu esposo, tendo nas mãos as últimas fotografias de Dona Lucilia, tiradas um mês antes de seu falecimento

Roberto Hernández

El Salvador

As melodias do Céu ressoaram na terra

Qual é a música ideal para o celebrar o nascimento do Menino Jesus? Que nação conseguiu exprimir, em melodia, a graça do Natal? Que cânticos terão entoado Nossa Senhora e São José naquela bendita noite em que o Céu se uniu à terra na Gruta de Belém? Desejosos de fazer reviver essas graças, os coros dos Arautos do Evangelho realizaram concertos natalinos em diversos países.

No continente europeu, Portugal se alegrou de forma especial no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, em Braga; na Igreja de São Francisco de Assis, em Guimarães; no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, com a presença de Dom Ivo Scapolo, Núncio Apostólico no país; e na Catedral do Porto, com a presença de Dom Manuel da Silva Rodrigues Linda, Bispo Diocesano. As apresentações na Espanha tiveram lugar na Basílica de Nossa Senhora da Conceição, em Madri; na Basílica de Nossa Senhora dos Desamparados, em Valência; e na Paróquia São Julião, em Toledo.

Na Colômbia houve concertos na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, e no Oratório de Nossa Senhora da Reconquista, em El Retiro. No Paraguai as apresentações se deram no Gran Teatro José Asunción Flores, em Asunción; no Auditório Francisco Solano López, em Encarnación; no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, em Luque; e na Igreja da Mãe do Bom Conselho, em Ypacaraí. Os acordes em honra ao Menino-Deus também ressoaram no Centro de Eventos Salamanca, em El Salvador, com a presença de Dom Luigi Roberto Cona, Núncio Apostólico no país; no Hotel Westin Camino Real, na Guatemala, com a presença de Dom Tulio Omar Pérez Rivera, Bispo Auxiliar de Santiago de Guatemala; no Santuário do Senhor da Divina Misericórdia, em Lima; e na Casa Presidencial da Costa Rica.

Em território brasileiro destacamos, entre as muitas apresentações, as realizadas em Barueri e Jaú (SP), Montes Claros e Janaúba (MG), Nova Friburgo e Campos dos Goytacazes (RJ), Piraquara e Maringá (PR), bem como nas capitais Campo Grande e Cuiabá.

Federico Monzon

Asunción

Ivano Gavilanes

El Retiro (Colômbia)

Asunción

Federico Monzon

Piraquara (PR)

William Drobot

Guatemala

Roberto Salas

Campo Grande

Leandro Souza

Porto (Portugal)

Nuno Moura

Guimarães (Portugal)

Nuno Moura

Maringá (PR)

Cristopher Rodrigues

Barueri (SP)

Kathleen Bonyun

Tocancipá (Colômbia)

Jesse Arce

Madri

José Rugeles

Eduardo Valente

Renato Benites

Tatiane Oliveira

Bruno Souza

Rodrigo Agostini

José Ribeiro

Hamilton Langa

Sacramentos da iniciação cristã

Os últimos meses de 2023 foram marcados por inúmeras cerimônias de recepção dos Sacramentos da iniciação cristã.

Entre elas, destacamos o Batismo de várias crianças em Matola-Gare, Moçambique (foto 7); as Missas de Primeira Comunhão na Capela Santa Inês, em Mairiporã (foto 1), no Mosteiro das Concepcionistas Descalças de São José, em Lima (foto 2), e na Igreja de Nossa Senhora dos Claríssimos Montes, em Montes Claros (foto 3); a administração do Sacramento da Crisma no Oratório de Nossa Senhora de Fátima, em Nova Friburgo, por Dom Luiz Antônio Lopes Ricci, Bispo Diocesano (foto 6), bem como nas casas dos Arautos em Juiz de Fora, por Dom Gil Antônio Moreira, Arcebispo Metropolitano (foto 4), e em Campo Grande, por Dom Vitório Pavanello, SDB, Arcebispo Emérito (foto 5).

Emílio Paez

Jeffry Cabrera

Xavier Jacob

Esperança para os que sofrem – Os Arautos residentes em Cuenca, Equador, organizaram uma distribuição de cestas básicas para as comunidades da localidade de Tarqui, através do projeto Fé e Caridade (foto 1). As comunidades de Sangallaya e Encomarca, no Peru, receberam, por sua vez, a visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria e do Menino Jesus, junto com doações de alimentos e presentes de Natal para as crianças (foto 2). Já em Asunción, Paraguai, o Divino Infante levou esperança para os enfermos do Hospital Central do Instituto de Previdência Social (foto 3).

Um dia com Maria!

A fim de unir ainda mais a Nossa Senhora aqueles que já se consagraram a Ela como escravos de amor, segundo o método de São Luís Maria Grignion de Montfort, os Arautos do Evangelho têm promovido encontros de formação nos locais onde atuam. Palestras catequéticas, recitação do Rosário, coroação solene da Imagem Peregrina, bênção do Santíssimo Sacramento e celebração da Santa Missa são algumas das atividades da programação que se tornou conhecida como *Um dia com Maria*.

Nos últimos meses o Pe. Manuel Rodríguez Sancho, EP, instrutor do curso de consagração da Plataforma de Formação Católica Reconquista em língua castelhana, participou de concorridas jornadas marianas na Guatemala (foto 1), Paraguai (foto 3) e Costa Rica (foto 4). Por sua vez, o Pe. Ricardo José Basso, EP, instrutor do curso em língua portuguesa, esteve na cidade de Nova Friburgo (foto 6) com o mesmo objetivo. Os encontros de consagrados ocorreram também em Cariacica, no Espírito Santo (foto 2), e na Cidade do México (foto 7).

A Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria abençoou igualmente o retiro do Sodalício Sant'Ana, em Klerksdorp, África do Sul (foto 5).

1

Roberto Salas

2

Devanildo Barbosa

3

Xavier Jacob

4

Willian Bonilla

5

Mariana Chitsotso

6

Leandro Souza

7

Ronny Fisher

Mais participantes na Adoração Noturna em Barcelona

Apesar da forte secularização, o número dos devotos da Adoração Noturna na cidade de Barcelona não para de crescer. Em 2023 foram admitidos setenta novos membros, em boa parte jovens, durante a cerimônia anual ocorrida na Paróquia Santa Teresinha.

Atualmente há mais de trezentos e cinquenta fiéis inscritos para adorar o Santíssimo Sacramento na cidade, renunciando a algumas horas de sono para cobrir os horários da vigília, que se prolonga das vinte e duas horas às seis, todas as noites do ano.

Ao incremento de adoradores soma-se o aumento do número de capelas de Adoração Perpétua na região, que nos últimos anos passou de uma para dez.

Reprodução

Massacre na Nigéria por ocasião do Natal

As festividades natalinas na Nigéria estiveram marcadas mais uma vez pelo sangue. Entre os dias 23 e 26 de dezembro vinte e seis aldeias do Estado de Plateau foram atacadas por extremistas da etnia fulani, com um saldo de quase duzentos mortos e mais de trezentos feridos.

As atrocidades foram cometidas com bastante coordenação e rapidez, de modo que os cristãos mal tiveram tempo de reagir para salvaguardar suas vidas. Em alguns locais os fiéis foram baleados e tiveram suas casas, colheitas, igrejas e postos de saúde incendiados. Conforme afirmou o porta-voz da Diocese de Pankshin, o objetivo dos agressores "era infringir dor e destruição máxima aos cristãos".

Reprodução

Inicia-se o processo de beatificação de Dom Guéranger

A Conferência Episcopal dos Bispos Franceses autorizou a abertura do processo de beatificação de Dom Prosper Guéranger, famoso por restaurar a vida monástica na Abadia de São Pedro de Solesmes e o canto gregoriano na França no século XIX.

Prosper-Louis-Pascal Guéranger nasceu em 4 de abril de 1805 no oeste da França, e foi ordenado sacerdote em 1827. Ao descobrir que a célebre Abadia de Solesmes seria demolida, comprou o prédio e com a ajuda de seu Bispo e de alguns amigos restabeleceu a vida monástica no local, incentivando a prática da regra beneditina, o canto gregoriano e o afervoramento dos fiéis em torno à Sagrada Liturgia, objetivo para o qual escreveu sua famosa obra *O Ano Litúrgico*. Dom Guéranger faleceu em 30 de janeiro de 1875.

Seminaristas franceses têm uma visão tradicional do sacerdócio

Uma pesquisa realizada pelo jornal católico *La Croix* entre seminaristas franceses revelou que a concepção do ministério sacerdotal destes futuros clérigos difere muito dos padrões comumente aplicados à juventude contemporânea.

Dos 434 seminaristas que participaram da enquete, 72% provêm de famílias que frequentam a Missa dominical e 61% consideram que a família é o núcleo principal para a transmissão da fé. De fato, para 36% deles a vocação se delineou antes dos dez anos de idade, e a figura dos pais foi transcendental para aceitar o chamado divino em 62% dos casos.

Quanto ao futuro sacerdócio, 73% dos seminaristas têm a intenção de usar batina regularmente, 48% planejam vesti-la de modo habitual, e 70% querem fazer da celebração dos Sagrados Mistérios e dos Sacramentos o centro de sua vida pastoral, de preferência à pregação ou ao ensino.

Ramon Canivell (CC by-sa 3.0)

Novo recorde de peregrinos em Compostela

No ano de 2023 o Caminho de Santiago de Compostela recebeu, até o começo do mês de novembro, mais de 438.300 peregrinos, informaram as autoridades locais. E essa cifra, que supera a dos anos precedentes, não representa o total real de visitantes, uma vez que muitos deles não se inscrevem nos registros oficiais.

A rota, também conhecida como a *Avenida da Europa*, é percorrida anualmente por peregrinos de todas as partes do mundo, que realizam o caminho a pé, a cavalo ou em bicicleta, a fim de venerar as relíquias

do Apóstolo São Tiago Maior na catedral a ele dedicada.

Pessoas com fé são mais felizes que as ateias

Dr. Rakib Ehsan, um investigador associado do Instituto para o Impacto da Fé na Vida, publicou em novembro de 2023 uma pesquisa intitulada *Keep the Faith: Mental Health in the UK*, que demonstra largamente o impacto positivo que a prática da religião pode ter na saúde mental e nas perspectivas de vida das pessoas. O estudo foi realizado com 2.004 adultos em todo o Reino Unido, incluindo Escócia e Irlanda do Norte, e sua descoberta mais eloquente é a diferença numérica entre aqueles que têm fé e se declaram felizes, e os que não creem e podem dizer o mesmo.

Entre os entrevistados, 82% daqueles que, pelo menos uma vez na semana, participam de um culto religioso declaram-se felizes, 81% sentem bem-estar psicológico, estão satisfeitos com a própria vida e enfrentam com confiança os desafios que se lhes apresentam, 75% encaram o futuro com otimismo e 79% têm um elevado nível de autocontrole emocional.

Pelo contrário, daqueles que nunca participam de cerimônias religiosas somente 56% são felizes e possuem um elevado nível de autocontrole emocional, 52% sentem bem-estar psicológico, 58% estão satisfeitos com a própria vida, 61% têm confiança diante das dificuldades e 46% olham com otimismo para o futuro.

facebook.com/noahsarkscans

Possível descoberta de vestígios da arca de Noé

Estudos recentes parecem ratificar a hipótese de alguns arqueólogos de que o conjunto rochoso que compõe a chamada Formação Durupinar constitui, na verdade, os restos da arca de Noé. A estrutura geológica está localizada no distrito de Doğubayazıt, em Ağrı, Turquia, vinte e nove quilômetros ao sul do cume do Monte Ararat, local registrado na Bíblia como ponto onde a arca assentou após o dilúvio.

A formação foi identificada pelo exército turco no início da década de 1950, durante uma missão de mapeamento, e chamou a atenção pela impressionante coincidência de suas medidas com a descrição bíblica da arca. Agora os resultados das análises de amostras arqueológicas divulgadas pelo projeto Noah's Ark Scans, responsável pelas pesquisas, comprovaram a presença na área de elementos argilosos, materiais marinhos e frutos do mar datados de 5.500 e 3.000 a.C., o que inclinou favoravelmente os estudiosos para a possibilidade de que a descoberta seja autêntica.

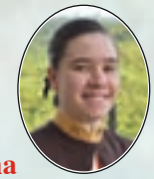
Famílias espanholas promovem "Adolescência sem celulares"

Ainda na Espanha, centenas de famílias estão aderindo à iniciativa *Adolescência sem celulares*, que visa frear o uso excessivo de *smartphones* e outras telas pelos jovens. O grupo surgiu no Bairro Poblenou, Barcelona, e já conta com milhares de seguidores por todo o país.

Os pais e mães involucrados têm promovido palestras e encontros para discutir como enfrentar os perigos que a cibernética está levando para o coração de suas famílias, e como evitar os danos irreversíveis que a exposição excessiva às telas ocasiona na formação de seus filhos. Eles esperam conseguir a proibição do uso de *smartphones* nos colégios durante a jornada escolar e postergar o acesso dos adolescentes a esses aparelhos.

Milagres... existem!

Conhecidas em todo o mundo são as curas prodigiosas operadas em Lourdes. A Mãe de Deus a ninguém desampara, concedendo favores espirituais e físicos. Mas o que ocorreria a alguém que quisesse zombar de tamanha dadivosidade? Bem podemos imaginar…



Jeniffer de Jesus Exposto Santana

Junto a uma grande janela, aproveitando os últimos raios de sol que iluminavam aquele dia, dois homens de idade madura liam e conversavam:

— Ei, Firmin, você viu esta notícia? "Magna romaria partirá de Nancy rumo a Lourdes nesta sexta-feira. Muitas dioceses ainda dispõem de vagas…"

— Ah, essa história para mim é conversa fiada! Ouvi dizer que a suposta vidente não passa de uma menina ignorante e pobre. Sabe o que eu acho? É tudo invenção para injetar dinheiro naquela região! E a mocinha deve ter recebido seu "salário"… – disse Firmin, que continuou com seu azedume característico – Agora Lourdes tornou-se ponto turístico e o povo de lá está ficando famoso.

Robert quis dar sua opinião sobre o assunto:

— Eu nunca tive crença nessa Virgem Maria. Onde já se viu que uma mulher de séculos atrás seja aclamada pelo mundo inteiro? Nem há provas da existência d'Ela. É uma falta de senso inconcebível!

— É, colega… Quando eu era criança, aprendi sobre Ela. Até rezar a Ela eu rezei! Mas com o passar dos anos me afastei dessas devoções ridículas.

A conversa morreu por alguns instantes. Robert continuou lendo seu jornal, enquanto Firmin fumava seu charuto, até o momento de este desfazer o silêncio:

— E que tal nós quebrarmos nossa rotina, hein?

"Que tal nós quebrarmos nossa rotina?", sugeriu Firmin após ouvir a notícia. Robert pulou de imediato e se aproximou do companheiro. Que plano "fascinante" seria aquele?

— Ah, meu amigo, você e suas ideias… O que pôs na sua cabeça desta vez?

— Já que, pela "mentira", a menina e a cidade ficaram famosas, então nós, mentindo, também ficaremos!

Robert, que estava afundado na poltrona, abriu os olhos, pulou de imediato e se aproximou do companheiro. Que plano "fascinante" seria aquele?

* * *

Por fim havia chegado o grande dia! As pessoas se revezavam para conseguir um espaço junto à bendita gruta onde a Mãe de Deus aparecera. Uma multidão de homens, mulheres, crianças e idosos, de todas as classes sociais, profissões e nações do globo, ali se reunia para implorar graças para si e para seus entes queridos.

Outra fila também estava formada, e se estendia por longos metros: eram os doentes que iam se banhar nas miraculosas águas, cuja fonte Nossa Senhora havia indicado a Santa Bernadette Soubirous.

Lá se encontravam os mais variados enfermos e – fiquemos pasmos! – inclusive Firmin e Ro-

Ilustrações: Lucilia Bernadete Guarany

bert. O primeiro jazia numa cadeira de rodas: seus braços pareciam atrofiados, mantinha as pernas e os pés tortos, o pescoço curvado para frente, o queixo caído sobre o peito… mal conseguia proferir palavra! O segundo, por sua vez, fingia grande humildade, devoção e fé.

Os fiéis, ao ver a indigência de um e a caridade do outro, sentiam compaixão e lhes abriam espaço a fim de se aproximarem da gruta rumo às águas taumatúrgicas. Robert acenou satisfeito para Firmin: avançando desse modo, não tardariam muito em efetivar o plano "genial" que haviam tramado…

Alguns dos que saíam do banho voltavam restabelecidos e exultando de alegria, bendizendo a Santíssima Virgem, e os que não tinham sido curados recobravam novas forças para suportar suas enfermidades com resignação e serenidade. Mais importante ainda eram aqueles que sentiam sua fé renovada pelo amor materno de Maria, para enfrentar as lutas da vida na fidelidade à Religião Católica. Um número quase infindo de pessoas via-se beneficiado pela intercessão de Nossa Senhora!

Havia também um contingente que, sem a necessidade de pedir qualquer tipo de cura, permanecia próximo à gruta para aclamar tantos favores.

Por fim, chegou a vez do "estropiado" Firmin. Robert levantou-o da cadeira de rodas para banhá-lo numa das piscinas individuais de mármore. Alguns dos piedosos assistentes sentiram pena ao verem a dificuldade para movimentar o pobre homem, prontificando-se a auxiliar o "generoso amigo" que o conduzia às águas.

Estando Firmin deitado numa das piscinas, jogavam-lhe água sobre a cabeça e os braços, fazendo orações à Rainha Imaculada. Após alguns instantes, o "enfermo" mudou de fisionomia: esboçando um sorriso e elevando os olhos aos céus, pôs-se de pé sozinho, abriu os braços e gritou com voz forte e clara:

— Milagre!

Todos bateram calorosas palmas e proclamaram:

— Bendita seja a Virgem Maria! Viva Nossa Senhora! Viva!

De repente… plaft! Firmin caiu novamente sobre a pequena piscina. Todos os seus membros perderam o movimento, nem sequer era capaz de falar.

Seu comparsa, assustado, sussurrou-lhe ao ouvido:

No meio da fila dos doentes, Firmin jazia numa cadeira de rodas e Robert fingia grande humildade, devoção e fé. Avançando assim, não tardariam em efetivar o plano que haviam tramado…

— Pare de brincadeira! Isso não estava combinado…

Mas as evidências lhe mostravam que já não se tratava de uma encenação. "A coisa desta vez é séria", concluiu, angustiado, Robert.

Resolveram chamar a ambulância. Os médicos diagnosticaram uma paralisia interna dos órgãos. A doença estava tão avançada que lhe restavam poucos dias de vida.

O resultado do exame deixou Robert atônito, sem saber o que pensar! Olhava para seu comparsa, tentando acreditar no que estava acontecendo. Firmin também lhe dirigiu o olhar e balbuciou com enorme esforço:

— É… Milagres existem!

Sim, ele tinha razão: milagres existem! E o maior prodígio estava se dando naquele momento. Tendo açoitado a ambos com tal castigo, a Virgem Santíssima operava no interior deles uma maravilha mais espetacular do que a cura de um paralítico: a conversão daqueles corações enrijecidos e incrédulos, pela contrição de seus pecados.

Assim arrependidos, ambos retornaram a Lourdes. Robert confessou suas faltas a um sacerdote, e Firmin também, com a ajuda de seu amigo. Com as almas purificadas pelo Sacramento da Penitência, voltaram à Gruta de Massabielle para rogar as bênçãos de Nossa Senhora. Tomados de grande confiança, aproximaram-se da fonte para beber um pouco da água. Se antes a usaram para blasfemar, agora dela se beneficiariam com profundo amor à Mãe de Deus.

Robert recolheu a água com as mãos em concha e bebeu daquela fonte cristalina. Em seguida, encheu um copo e deu para Firmin. Este, após tomar da água, sentiu seu corpo mudar: os membros se reavivaram, já podia mover-se com facilidade; sentia-se em perfeita saúde. Então seus lábios se reabriram para, desta vez, proclamar a verdade:

— Milagre! Milagre! Milagre!

Seu amigo arregalou os olhos estupefato, mas sem duvidar da clemência de Maria. Abraçados de felicidade, ambos pulavam e bradavam, revelando a todos os circunstantes a bondade do Coração de Nossa Senhora. É que sua misericórdia ultrapassa a maldade humana e sabe vencer o mal pelo bem. ✧

Os Santos de cada dia

1. Beata Joana Francisca da Visitação, virgem (†1888). Fundadora do Instituto das Irmãzinhas do Sagrado Coração, em Turim, Itália.

2. Apresentação do Senhor.

São Lourenço, Bispo (†619). Sucedeu Santo Agostinho de Cantuária nesta sé episcopal e converteu o Rei Edbaldo à Fé Católica.

3. São Brás, Bispo e mártir (†c. 320 Sebaste - atual Turquia).

Santo Oscar, Bispo (†865 Bremen - Alemanha).

Santa Vereburga, abadessa (†c. 700). Ingressou no mosteiro de Ely, Inglaterra, do qual foi abadessa. Fundou depois vários outros mosteiros.

4. V Domingo do Tempo Comum.

São José de Leonessa, presbítero (†1612). Franciscano capuchinho, deu assistência aos cristãos cativos em Constantinopla e pregou o Evangelho até no palácio do sultão. Morreu em Amatrice, Itália.

5. Santa Águeda, virgem e mártir (†c. 251 Catânia - Itália).

Beata Isabel Canori Mora, mãe de família (†1825). Sofreu com paciência e caridade a infidelidade e maus-tratos do esposo. Ingressou na Ordem Terceira da Santíssima Trindade, em Roma, oferecendo sua vida pela conversão dos pecadores.

6. São Paulo Miki e companheiros, mártires (†1597 Nagasaki - Japão).

São Mateus Correa, presbítero e mártir (†1927). Durante a perseguição contra a Igreja, recusou-se a revelar um segredo de Confissão e por isso foi fuzilado em Durango, México.

7. Beata Maria da Providência Smet, virgem (†1871). Fez voto privado de castidade e dedicou-se ao apostolado nas paróquias em Lille, França. Fundou mais tarde, em Paris, o Instituto das Irmãs Auxiliadoras das Almas do Purgatório.

Apresentação do Menino Jesus no Templo - Santuário de La Salette (França)

Francisco Lecaros

8. São Jerônimo Emiliani, presbítero (†1537 Somasca - Itália).

Santa Josefina Bakhita, virgem (†1947 Schio - Itália).

Santo Honorato, Bispo (†c. 570). Perante a iminente invasão dos lombardos na Itália, pôs a salvo grande parte da população de Milão obtendo-lhe refúgio em Gênova.

9. Beata Ana Catarina Emmerick, virgem (†1824). Religiosa agostiniana que recebeu os estigmas da Paixão de Nosso Senhor. Dotada de carismas extraordinários, empregava-os no consolo de quantos a ela recorriam. Faleceu em Dülmen, Alemanha, aos quarenta e nove anos.

10. Santa Escolástica, virgem (†c. 547 Monte Cassino - Itália).

Beato Hugo de Fosses, abade (†c. 1163). Seu mestre São Norberto, ao ser eleito Arcebispo de Magdeburgo, confiou-lhe a direção da recém-fundada Ordem Premonstratense, que ele governou durante trinta e cinco anos.

11. VI Domingo do Tempo Comum.

Nossa Senhora de Lourdes.

São Gregório II, Papa (†731). No tempo do Imperador Leão III, o Isáurico, defendeu o culto às imagens sacras e enviou São Bonifácio para pregar o Evangelho na Germânia.

Fevereiro

12. São Melécio, Bispo (†381). Foi várias vezes exilado por defender as normas do Concílio de Niceia. Morreu quando presidia o I Concílio Ecumênico de Constantinopla.

13. Beata Cristina Camozzi, viúva (†1458). Após a morte do marido, cedeu por algum tempo à concupiscência da carne, mas depois ingressou na Ordem Secular Agostiniana, em Spoleto, Itália, onde levou uma vida penitente.

14. Quarta-Feira de Cinzas.

Santos Cirilo, monge (†869 Roma) **e Metódio,** Bispo (†885 Velehrad - República Checa).

Santo Auxêncio, presbítero (†séc. V). Abandonando seu posto na guarda imperial, fez-se eremita e dedicou o resto da vida à prática da mortificação e à defesa da Fé.

15. São Walfrido, abade (†c. 765). Descendente de importante família de Pisa, contraiu matrimônio com uma jovem igualmente de boa família. Tendo educado seus cinco filhos e desejando maior perfeição, ambos decidiram abraçar a vida monástica.

16. Beato Francisco Toyama Jintaró, mártir (†1624). Nobre samurai cuja vida cristã exemplar influenciou na conversão de muitas pessoas. Por não negar a Fé, foi decapitado em Hiroshima, Japão.

17. Sete Santos Fundadores dos Servitas (†c. 1262-1310 Monte Senário, perto de Florença - Itália).

São Fintano, abade (†c. 440). Fundou o mosteiro de Clonard, na Irlanda, e destacou-se por sua austeridade.

18. I Domingo da Quaresma.

Beato Jorge Kaszyra, presbítero e mártir (†1943). Religioso da Congregação dos Clérigos Marianos da Imaculada Conceição, foi lançado às chamas em Rosica, Polônia, pelos perseguidores da Fé.

19. Santa Lúcia Yi Zhenmei, virgem e mártir (†1862). Tendo se consagrado a Deus na juventude, ajudava as missões na China como catequista. Morreu decapitada em defesa da Fé.

20. São Francisco Marto (†1919) **e Santa Jacinta Marto** (†1920). Humildes crianças que em Fátima, Portugal, viram três vezes um Anjo e seis vezes a Santíssima Virgem, de quem receberam a exortação de rezar e fazer penitência para obter a conversão dos pecadores e a paz do mundo.

21. São Pedro Damião, Bispo e Doutor da Igreja (†1072 Faenza - Itália).

Beata Maria Henriqueta Dominici, virgem (†1894). Religiosa da Congregação das Irmãs de Sant'Ana e da Providência, ocupou durante trinta e três anos o cargo de Superiora Geral.

22. Cátedra de São Pedro, Apóstolo.

Beato Diogo Carvalho, presbítero e mártir (†1624). Missionário jesuíta português torturado até morrer, junto com vários fiéis em Sendai, Japão.

23. São Policarpo, Bispo e mártir (†c. 155 Esmirna - atual Turquia).

Beata Rafaela Ybarra, religiosa (†1900). Mãe de sete filhos, obteve o consentimento do marido para fazer os votos religiosos e fundou em Bilbao, Espanha, o Instituto das Irmãs dos Anjos da Guarda.

24. Santo Etelberto, rei (†616). Monarca de Kent, foi o primeiro entre os príncipes dos anglos que Santo Agostinho de Cantuária converteu à Fé Católica.

25. II Domingo da Quaresma.

Santa Valburga, abadessa (†779). A pedido de seus irmãos São Vilibaldo e São Vinebaldo, e também de seu tio São Bonifácio, deixou a Inglaterra para dirigir o mosteiro de Heidenheim, Alemanha.

26. São Faustiniano, Bispo (†séc. IV). Segundo Bispo de Bolonha, Itália. Com suas pregações, fortificou e fez florescer a Igreja oprimida pelas perseguições.

27. São Gregório de Narek, monge e Doutor da Igreja (†c. 1005 Narek - Armênia).

São Baldomiro, monge (†c. 660). Trabalhador manual nas proximidades de Lyon, França, despertava a admiração de todos por sua piedade e caridade para com os pobres. Dedicou-se intensamente à oração no mosteiro de São Justo.

28. São Romão, abade (†463). Seguindo o exemplo dos antigos anacoretas, viveu como eremita na região do Jura, França, e se tornou pai espiritual de muitos monges.

29. Beata Antônia de Florença, viúva (†1472). Fundadora e primeira abadessa do Mosteiro do Corpo de Cristo, em L'Aquila, Itália, com a observância da primeira regra de Santa Clara. Morreu aos setenta e um anos.

facebook.com/yamamotogoukin

Espelhos de Jesus Cristo

Uma técnica antiga só encontrou sua mais elevada finalidade séculos depois de sua invenção, e até hoje encerra um significado precioso para cada um de nós.

Santiago Vieto Rodríguez

Nunca houve incêndio de intolerância contra a Fé Católica tão terrível e implacável como o que sofreu a florescente Igreja do Japão.

Pouco depois de o incansável São Francisco Xavier ter chegado com a Boa-Nova ao império secreto do Oriente, em 1549, já os primeiros aromas de santidade se faziam sentir nesta nação tão sedenta de cerimônia e de verdade, da qual o patrono mundial das missões afirmou ser, entre todas as terras então descobertas, o povo mais disposto a aceitar o Cristianismo.[1]

Contudo, passado menos de um século, desencadeou-se uma atroz perseguição ao Catolicismo, que outorgou a coroa do martírio a inúmeros sacerdotes, religiosos e leigos. Muitos relatos narram a heroica compostura com que inclusive os meninos se apresentavam perante os verdugos, oferecendo seus pequenos membros para serem torturados e amputados, e proclamando, pelos atos, sua profunda fé tão precocemente adquirida.

A perseguição chegou a tal extremo que foram enviadas patrulhas a todos os rincões do império para obrigar cada habitante a passar pelo funesto "rito" de pisar um fumi-e, figura gravada geralmente em pedra lavrada representando Jesus Cristo ou Maria Santíssima. Quem não o fizesse, seria submetido às mais cruéis torturas e à morte.

Impedidos de realizar qualquer ato ritual público e, ademais, desprovidos de ministros, numerosos católicos corajosos, denominados cristãos ocultos – em japonês, *kakure kirishitan* –, refugiaram-se durante séculos em catacumbas e florestas, para assim viverem em comunidade sua Fé. Por um lado, viam-se eles impossibilitados de conservar imagens sacras, que os delatariam nas inexoráveis inspeções; por outro, sentiam necessidade de símbolos materiais para praticar a Religião. Os engenhosos nipônicos recorreram então a uma forma de arte que parecia realmente mágica…

No tempo da dinastia chinesa Han – 206 a.C. a 220 d.C. –, surgiu um artesanato complexo e maravilhoso. Utilizando um espelho de bronze maciço, os chineses poliam esplendidamente sua face anterior, enquanto um desenho em relevo decorava a parte posterior. De modo surpreendente, quando a luz do sol ou outra luz brilhante incidia sobre a face lisa do espelho, refletindo-se numa superfície plana como uma parede, nesta se projetava o desenho da parte posterior.

A explicação para esse fenômeno está no fato de que, durante a fabricação, a superfície do espelho era raspada, riscada e polida com uma

Reprodução

Mártires de Nagasaki - National Heritage Board, Singapura; na página anterior, espelho de bronze japonês e a imagem refletida por ele

técnica sofisticada, e em seguida recoberta com um amálgama de mercúrio, provocando tensões de uma escala pequena demais para ser observada a olho nu, mas que correspondem ao modelo gravado na parte posterior do espelho.

O "espelho mágico" chegou ao Japão no século III d.C., como presente destinado a grandes senhores, e se tornou conhecido como *shinjūkyō*. Mas encontrou sua utilidade mais elevada apenas no século XVII, servindo como excelente meio de tornar invisíveis as imagens de devoção dos fiéis católicos.

Estes realizavam a obra conforme o método tradicional e depois, em vez de deixar visível na parte posterior do espelho a imagem religiosa, que seria projetada pela luz, punham sobre esta uma fina placa de bronze com o desenho de uma paisagem ou outro tema inócuo. Precaviam-se assim contra as suspeitas de alguma patrulha mais experiente, de que o espelho que decorava inocentemente suas casas pudesse dissimular uma figura cristã.

Como é magnífico imaginar aqueles confessores da Fé contemplando a imagem do Crucificado projetada pela luz do sol, enquanto rezavam suas orações em meio à incerteza e ao perigo, mas pondo sua confiança n'Aquele que afirmou: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor à justiça, porque deles é o Reino dos Céus!" (Mt 5, 10).

Esse notável artifício dos católicos japoneses, riqueza cultural de um passado hoje lamentavelmente olvidado, é por sua vez uma excelente metáfora do que deve se passar em nós, que queremos ser de fato discípulos de Cristo.

Só depois de termos sido cuidadosamente polidos pela humilhação e pelo sofrimento, seremos capazes de refletir a efígie d'Aquele que nos chama a uma configuração plena consigo. Quanto mais plana, nítida e transparente for a superfície – quer dizer, quanto maior for a humildade, a simplicidade e o esquecimento de si mesmo –, mais perfeita será a projeção da Imagem Divina.

Peçamos essa graça ao Coração Sapiencial e Imaculado de Maria, espelho fidelíssimo de todas as perfeições divinas. Assim, tendo-nos esvaziado de todo egoísmo e interesse pessoal, quando sobre nós incidir a luz da graça se manifestará que já não somos nós que vivemos, mas é Cristo que vive em nós (cf. Gal 2, 20). ✧

---

[1] Cf. SÃO FRANCISCO XAVIER. Carta a San Ignacio de Loyola. Cochín, 29/1/1552. In: *Cartas y escritos*. 3.ed. Madrid: BAC, 1979, p.408.

Santa Escolástica - Abadia beneditina de Liesborn, Warendorf (Alemanha)

Sailko (CC by-sa 3.0)

A fecundidade do apostolado

São Bento instituiu um tecido de Ordens Religiosas que espalharam por toda a Europa a moralidade. Na base de tudo isso encontra-se São Bento e, pela ação das contemplativas, Santa Escolástica.

Santa Escolástica atraiu religiosas que não faziam assistência social, não davam catecismo, não faziam "nada". Numa época em que sua ação pareceria tão necessária, elas realizavam algo que era muito mais do que agir: rezavam e se sacrificavam. Pelo seu exemplo, elas deixaram bem claro que, se o apostolado do ramo masculino foi tão fecundo, isto se deu porque havia um ramo feminino que orava, que se imolava, que contemplava.

Então, o ideal da contemplação fica profundamente presente nesta fecundidade do apostolado de conversão da Europa. E aí se vê o papel admirável, insubstituível e, em algum sentido, incomparável de Santa Escolástica. Porque para agir, há alguns tantos; para lutar, já são menos numerosos; mas para sofrer, quão poucos são!

Plinio Corrêa de Oliveira